



15 DE ABRIL

Dia internacional da conservação do solo



O MELHOR INVESTIMENTO DA AGRICULTURA

As médias de produtividade da lavoura e a estagnação econômica dos municípios essencialmente agrícolas mostram que o melhor investimento é segurar o solo e a água na propriedade.

ECONOMIA RURAL

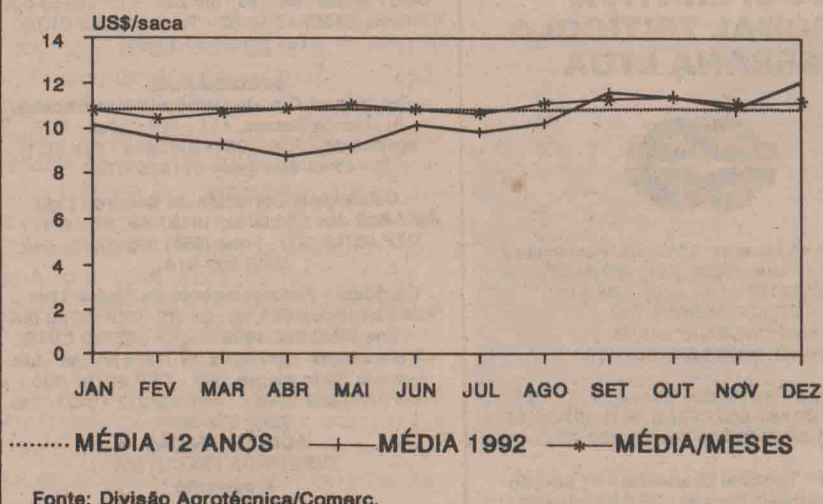
4 e 5

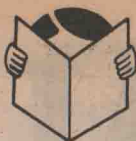
A evolução dos preços agrícolas

Mês a mês, todos os preços praticados com a soja, o milho, o trigo, o leite, o suíno e o bovino nestes últimos 13 anos. O levantamento de dados pode auxiliar o produtor a definir com mais exatidão a hora certa de comercializar a sua produção.

Centrais

EVOLUÇÃO DE PREÇOS SOJA





Mais de 1,21 bilhão de hectares. Nada menos do que toda esta área de terra - correspondente ao território da China e da Índia, juntas - é a quantidade de solo degradado em todo o planeta, como resultado do desmatamento, uso e mecanização muito intensiva e exploração inadequada. Este dado alarmante, publicado pela Agrofolha de cinco de maio de 1992, conforme o "USA Today", é um ilustrador de respeito neste 15 de abril - dia mundial da conservação do solo - e mais do que isso, decisivo para que as práticas conservacionistas e os instrumentos de recuperação do solo sejam cada vez mais ampliados. Ainda mais porque, dentro do quadro global das condições do solo agricultável estão incluídos os cerca de 120 mil hectares de camada arável que o

Rio Grande do Sul perde todo o ano, em razão da erosão hídrica, segundo levantamento da Sargs, em 1985. As médias de produtividade das lavouras, mesmo em anos de clima favorável e a estagnação econômica dos municípios essencialmente agrícolas confirmam essa exigência, apoiando-se nos exemplos concretos da agricultura conservacionista e na própria capacidade da natureza que produz menos do que 1 centímetro de solo em 200 anos. A data internacional, portanto, só tem uma justificativa, a de que a organização das propriedades pela exploração racional do solo, seja uma ação permanente e prioritária de todos os setores que dependem da produção agropecuária.

Páginas 4 e 5



Em busca de um novo conceito

* Carlos Cardinal

Os orizicultores gaúchos, em sua justa e meritória caminhada em busca de um melhor reconhecimento da atividade, encontraram no governador Alceu Collares um entusiasmado e atuante parceiro nas reivindicações. Ao aliar-se aos produtores, o governador está sendo coerente com a diretriz básica de sua administração, que é exatamente a de estímulo à produção primária.

Ciente da vocação da economia gaúcha, voltada preponderantemente para a atividade rural, o governador Collares tem direcionado recursos e ações para a valorização do homem do campo, em especial do pequeno e médio produtor. Somos, na composição da equipe de colaboradores do primeiro escalão governamental, responsáveis pela execução dessa política. Mas é com satisfação que registramos o êxito do Programa de Condomínios Rurais, do Programa Troca-Troca, do Programa de Fiscalização de Abates, e de tantas outras iniciativas que, felizmente, estão restituindo ao agropecuarista do nosso Estado o gosto pelo que faz, já que encontra respaldo para desenvolver seu trabalho sem a dependência de mecanismos de financiamento que muitas vezes, ao final, conduz até a inviabilidade da propriedade rural.

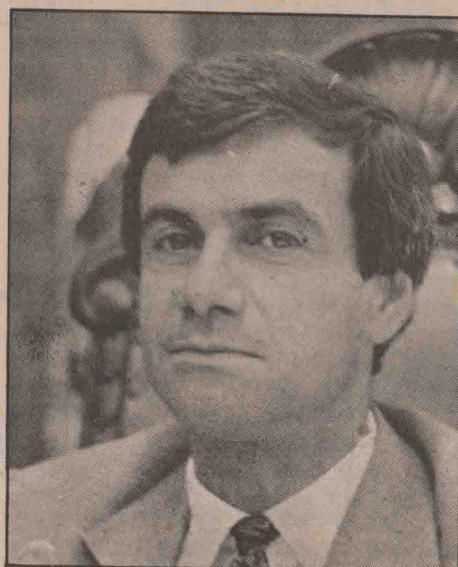
O que tem-se observado, porém, é que o aumento entusiasmado dos índices de produtividade, resultante em boa parte do acerto das políticas do governo estadual para o setor, não vem sendo acompanhado por uma justa remuneração aqueles que produzem. Daí, o posicionamento coerente de Alceu Collares: de um lado, seu governo estimula a produção e a produtividade, pela ação administrativa, e de

outro se coloca ao lado dos muitos que pretendem não somente ver recompensada a dura lida a qual se dedicam diuturnamente. É a complementação, na pressão política, de uma filosofia administrativa bem sucedida.

Nas inúmeras ocasiões em que tem se manifestado sobre a questão, o governador Alceu Collares tem referido a cerca de um aspecto que igualmente consideramos relevante, quando se trata de tocar adiante o movimento por maior atenção dos escalões administrativos federais. A necessidade de plena união de sentimentos e de esforços entre os variados segmentos sociais, econômicos e classistas envolvidos na luta reivindicatória.

Tem acentuado o senhor governador que, historicamente, o Rio Grande do Sul perde espaços na economia nacional porque não consegue agir como em uma só voz quando os interesses maiores dos coestaduanos estão em jogo. As lideranças políticas, empresariais, administrativas e profissionais acabam geralmente por falar linguagens diferentes, o que permite que outras regiões, com maior capacidade de arregimentação se organizem e tirem maior e melhor proveito das brechas abertas no jogo de interesses que geralmente precedem as decisões políticas que desembocam na área econômica.

Não é de graça que o governador do Rio Grande do Sul há pouco iniciou um forte movimento pedindo o fim das discrepâncias e, principalmente, dos privilégios da representatividade parlamentar, que em muito beneficiam os estados do Norte e Nordeste do país, em detrimento dos estados do Sul. Felizmente Alceu Collares conseguiu, nesse debate, a solidariedade unânime dos gaúchos. Agora, nova-



... "é que o aumento entusiasmado dos índices de produtividade, resultante em boa parte dos acertos das políticas do governo estadual para o setor, não vem sendo acompanhado por uma justa remuneração para aqueles que produzem".

mente o chefe do Executivo se põe a campo para que sua voz se una no clamor de protesto dos arrozeiros. Mais do que contribuir, com a autoridade do cargo, para o êxito do movimento, sua senhoria dá exemplo de como deve ser a posição daqueles que têm responsabilidades públicas e capacidade de representação popular.

Esperamos que o despreendido gesto do nosso governador sirva como marca para uma nova postura de nossos homens públicos e de nossas li-

deranças, onde as questões partidárias, num jogo de vaidades pessoais, sejam colocadas de lado, prevalecendo o interesse maior da coletividade. Assim sendo, o Rio Grande do Sul poderá estar retornando aos caminhos de volta, aqueles que no passado o fizeram tão respeitado no cenário nacional. Mas podemos afirmar, com absoluta segurança, que a luta por essa recuperação de imagem no cenário nacional está em boas mãos, posto que o senhor governador tem a justa visão do momento históricos que vivemos e do papel que lhe cabe como artífice na representatividade e no comportamento deste momento republicano.

As agruras e percalços atingem hoje a todos os que atuam no campo. Iludem-se aqueles que pensam estar imunes e pairando acima da crise. Os problemas que há muito perseguem o pequeno produtor, não mais poupam também o grande.

Embora diferenciados na forma e objetivos da exploração da terra, o pequeno e o grande são parceiros atualmente, das vicissitudes que a todos atingem. É, portanto, chegada a hora da eclosão de um movimento que defina objetivos e concentre aptidões reivindicatórias. A conjugação de capacidade e a identificação correta de estratégias para o desenvolvimento, seguramente produzirá resultados. O importante é não ocorrerem esmorecimentos ou a prevalência de interesses miúdos.

Temos uma causa. Temos um líder para empunhar a bandeira. O caminho da vitória, assim, nos parece bem mais fácil.

* Deputado Carlos Cardinal
Secretário da Agricultura e
Abastecimento do RGS.

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA



Ijuí - Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 111 - Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-6400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INGRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90.480-000 - Fone (051) 337-26-44, Fax (051) 341-4466 - Telex 511102 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Secção da Barra - Distrito Industrial - CEP 96.204-000 - Fone (0532) 34-1500 - Telex 531120 - Fax (0532) 34.1500

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450-000 - Fone (0532) 43-10-02 - Telex 532362 CRTS - Fax (0532) 43-14-85

SUBSIDIÁRIAS

- Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Carlos Gomes, 111 - 10º andar - CEP 90480-000 - Fone (051) 3372644 - Fax (051) 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

- Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Ijuí - Rua das Chácaras, 1513 - Cx. Postal 111 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3765 - Fax (055) 332-5161

- Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua José Hickelbick, 66 - Ijuí/RS - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS
- Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Avenida Porto Alegre, 668 - CEP 98700-000 - Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO - Fax (055) 332-3949

ADMINISTRAÇÃO
DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente
Ruben Ilgenfriz da Silva
Vice-presidente
Euclides Casagrande

Superintendente/Pioneira
Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Dom Pedrito
Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)
João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitenbach, Valdir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, Florício Barreto e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:
Enor Carniel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição e Ari Göergen.

Conselho Fiscal (Efetivos)
Rudi Bönnmann, Ingbert Döwich e Antônio Carlos Xavier Hias.

Suplentes
Amauri Scheer, Léo Foletto e Zeferino Pivetta.

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM
Regional Pioneira..... 585.800 t
Rio Grande..... 220.000 t
Dom Pedrito..... 91.000 t
Total..... 896.800 t

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

Órgão de circulação ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

REDAÇÃO

Dária C.L. de Brum Lucchese, editora: Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre
REVISOR
Sérgio Corrêa

- Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO

Três projetos entregues



curtas

Bruno Van Der Sand foi reeleito, em assembléia geral realizada no dia 22 de março, para a presidência da Cooperativa de Crédito Pestanense - Credipel. A assembléia, realizada na Paróquia da Comunidade Evangélica de Augusto Pestana, contou com a participação de quase 200 associados de Ijuí, Jóia, Augusto Pestana e Coronel Barros. Filho de um dos fundadores da Credipel, Alberto Van Der Sand, Bruno Van Der Sand será o primeiro presidente a comandar a cooperativa de crédito dentro do novo sistema, o Sicredi, a ser colocado em prática nos próximos meses.

Além de Bruno Van Der Sand, foram eleitos Zeno Lauro Heck para o cargo de diretor de crédito e Erno Schneider, para o cargo de diretor administrativo. Horst Schünemann, Valentin Guiotto e Amário Becker, foram eleitos para o Conselho de Administração que tem como suplentes os associados Sênio Kirst, Luiz Neri Beschorner e Paulo Anezi.

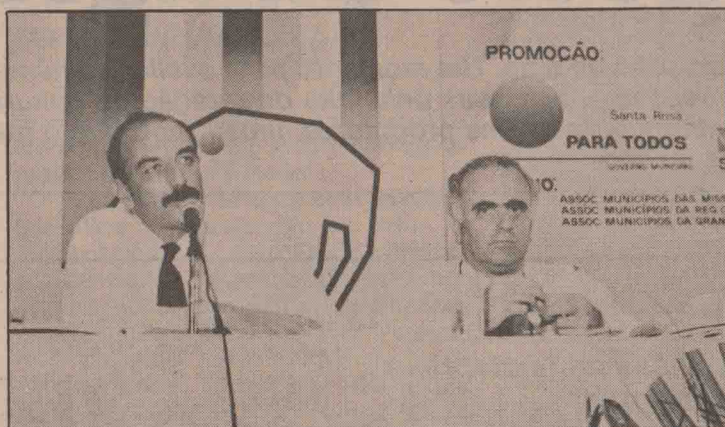
O novo Conselho eleito ficou formado por Walter Driemeyer, representando Ijuí, Jânio Andreatta, por Jóia e Geraldino Zardin, representando Augusto Pestana. Bruno Schneider, Ilceu Rückert e Valdenor José Bernardi foram empossados como suplentes do Conselho Fiscal.

Durante a realização da assembléia geral também foi aprovado o balanço, exercício 1992 e, em vez da distribuição do retorno, haverá capitalização dos rendimentos. Dentro da nova sistemática de operações - o Sistema de Crédito - está prometendo intensificar os financiamentos para serem aplicados nas diversas atividades agrícolas.

COOPERATIVISMO - O 1º Encontro Brasil-Argentina de Integração do Cooperativismo, que deve acontecer no Parque de Exposições Assis Brasil, em Ijuí, tem nova data de realização. O evento está marcado agora, para os dias 27, 28, 29 e 30 de julho. Aproximadamente 600 representantes de cooperativas brasileiras e argentinas dos mais diversos ramos - produção de grãos, habitação, elétrica, leite, artesanato, músicos, entre outros - estarão no Parque Assis Brasil, integrando uma programação que inclui seminários, palestras e mostra de produtos e de atuação.



Jesus Rodrigues inspecionou as obras acompanhado pelos... prefeitos Wanderley Burmann, de Ijuí e Luiz Menegol, de Augusto Pestana e pelo diretor superintendente da Cotrijuí, Celso Sperotto



Omar Terra, prefeito de Santa Rosa - ao microfone - e Paulo Renato de Souza, gerente de Operações do Bid

vias que ligam o Rio Grande do Sul a Argentina, Uruguai e Paraguai. Entre elas estão a BR 392, RS 210, RS 575, RS 472 e a RS 305.

Mas segundo deixou claro Paulo Renato de Souza, as linhas de financiamento ao Estado, especialmente para este ano, destinam-se a recuperação das rodovias federais. Mas não descartou a possibilidade do BID estudar projetos de financiamentos para serem aplicados em rodovias gaúchas. Os recursos, no entanto, só para o próximo ano.

Paulo Renato também levantou a possibilidade do Banco Interamericano de Desenvolvimento estudar futuros apoios ao setor produtivo. Mas foi avisando aos prefeitos que projetos desta natureza são de difícil análise "em função do seu caráter". Sem querer desencorajar os prefeitos disse que

estes projetos podem levar muito mais tempo para ser analisado do que um projeto de recuperação de estradas. "O projeto de apoio ao setor produtivo envolve várias relações", comentou, referindo-se a produção e a social.

DAER

Duplicação de pista só para o futuro

A safra está começando e o tão prometido asfaltamento do acesso à Cotrijuí não ficou pronto. Pelo projeto, apenas um lado da pista será asfaltado. O asfaltamento da pista toda é obra para mais adiante, segundo o diretor do Daer Jesus Rodrigues

A duplicação da pista de acesso à Cotrijuí - rua José Gabriel e avenidas Porto Alegre e das Chácaras - é obra para o futuro. A afirmação foi feita pelo diretor do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem, Jesus Rodrigues ao visitar Ijuí e inspecionar as obras que vêm sendo realizadas pela Empa. O projeto de asfaltamento de 4.700 metros entre a Cotrijuí e a BR-285 prevê pista dupla até apenas a altura dos trilhos da Rede Ferroviária, próximos ao armazém de insumos da cooperativa.

Além de contatos mantidos com o prefeito Wanderley Burmann, Jesus Rodrigues se encontrou com o diretor superintendente da Cotrijuí, Celso Sperotto e com o assessor de Comunicação, Valmir Beck da Rosa, quando manifestou sua preocupação em assegurar o tráfego de caminhões até os armazéns da cooperativa para entrega da atual safra, ora em andamento. Reconheceu a necessidade de acelerar o ritmo dos trabalhos, mas descartou a possibilidade de asfaltamento da pista dupla, pelo menos a curto prazo. Disse que o asfaltamento do acesso é uma das prioridades do governador e garantiu a liberação dos recursos para a conclusão da obra, orçada em 31 bilhões de cruzeiros. Acompanhou Jesus Rodrigues em sua visita a Ijuí, o prefeito de Augusto Pestana, Luiz Menegol

Conselho Municipal de Agropecuária de Ijuí

Propor ações políticas para a agropecuária do município de Ijuí. Esta a grande atribuição do Conselho Municipal de Agropecuária, recentemente constituído e empossado e que tem como presidente o coordenador de Agropecuária de Ijuí, Júnior Piaia.

O Conselho Municipal de Agropecuária de Ijuí conta com a participação de 10 entidades e instituições ligadas ao meio rural e ainda representantes dos oito conselhos distritais existentes no município. Como vice-presidente foi eleito Celso Buzetto, do conselho distrital de Floresta. Ainda integram o Conselho, a Cotrijuí, com Otalí de Vargas Montardo como efetivo e Rivaldo Dhein como suplente; a Associação dos Engenheiros Agrônomos de Ijuí, com Francisco Tenório F. Pereira e Jaime Winsch; a Associação dos Médicos Veterinários, com Gerson Madruga e Paulo Rogério da Sil-

va; o Imeab, com Alberto Parenti Filho e Flávio Teixeira Pacheco; o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, com Julio Gabbi e Israel Fernandes da Rocha; a Emater, com Luís Carlos Ávila e Édio Arno Korb; a Unijuí, com Arlindo Prestes de Lima e Dilson Trenphol e a Associação dos Técnicos Agrícolas, com Joceli Schiavo, como efetivo e Pedro Pittol, como suplente.

Os representantes dos oito conselhos distritais são os seguintes: Vanderlei Megier e Valdir Megier, por Santana; Celso Buzetto e Cirilo Kronberg, por Floresta; Renê Vanderlei Beier, por Mauá; Antônio Padoin, pelo distrito de Salto; Vitório Muraro, por Alto da União; Nelson Lanzarin e Modesto Dalla Rosa, representando o distrito de Colônia Santo Antônio; Vilnei dos Santos por Chorão e Izidoro Massafra representando Dr. Bozano.

Tecnificação dos hortigranjeiros

A coordenadora regional dos condomínios rurais. Beate Petry esteve em Ijuí no dia 30 de março, participando de uma reunião com a Coordenadoria de Agropecuária do município, Júnior Piaia e representantes da Cotrijuí e da Emater. Na pauta, a discussão sobre a elaboração de projetos para a produção de hortigranjeiros, que venham a ser cobertos pelo Feaper, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Petry explicou na ocasião as linhas de curso que oportunizem o financiamento para aquisição de equipamentos de irrigação, estufas e outros. Segundo Piaia esses projetos devem trazer maior estrutura aos produtores



Reunião aconteceu na Semdeo de Ijuí

que irão participar da Ceasa Regional. Maiores detalhes devem ser definidos nos próximos meses.

CONSERVAÇÃO DO SOLO

O melhor negócio da agricultura

15 de abril - dia mundial da conservação do solo. Um momento para avaliar os números da erosão, os índices de produtividade, as doenças provocadas pela falta de rotação de culturas e também os resultados obtidos pela determinação de alguns produtores, mostrando que o melhor negócio da agricultura é segurar a terra na lavoura

O Rio Grande do Sul perde anualmente, somente por erosão hídrica, 242 milhões de toneladas de solo. Esse dado preocupante sobre as condições das terras gaúchas resultante de um longo período de monocultivo do binômio trigo-soja, foi levantado pela Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, ainda em 1985, já indicando naquela época, que o Estado perdia o equivalente à camada arável de 120 mil hectares de lavoura por ano, que arrastava junto um grande volume de calcário e nutrientes químicos, resultando numa perda financeira no valor de 438,5 bilhões de dólares.

O levantamento continua sendo motivo de alerta para técnicos e pesquisadores, apesar dos inúmeros esforços de produtores e entidades que vêm procurando dar um outro perfil a terra, através de trabalhos de recuperação e conservação do solo. "É bom lembrar que nesse mesmo ano de 85, o censo agropecuário justificava aqueles dados pela informação de que 65 por cento das propriedades rurais do Estado não adotavam quaisquer práticas conservacionistas e 32 por cento delas não utilizavam qualquer tipo de fertilizantes", afirma o pesquisador Rivaldo Dhein da Cotrijuí, que junto com a equipe da Divisão Agropecuária da Cooperativa, Emater e prefeituras tem coordenado o desenvolvimento de programas de microbacias hidrográficas.

REVERSÃO DO QUADRO - "Felizmente hoje são muito poucos os que duvidam que o solo é o principal recurso de sustentação do processo produtivo agropecuário", salienta o pesquisador. Ele afirma que a organização da propriedade através das microbacias vêm sendo priorizada, até por-

No mundo, 8,9 milhões de hectares de terras agrícolas estão irremediavelmente comprometidos - não são recuperáveis; 299,48 milhões estão degradados além da capacidade da maioria dos países em reabilitá-los; 930,81 milhões de hectares também degradados, são recuperáveis mas com grande esforço e custos muito elevados. (Agrofolha - 5.5.92 - do USA Today). O preparo do solo em nível - ao lado -, aliado a outras práticas conservacionistas tem grande responsabilidade para reverter este quadro, e ainda com grande economia ao produtor



que elas se tornaram parte de uma estratégia de mudança no sistema produtivo da região e também viraram motivo de uma campanha comunitária.

Caminho fundamental para reverter um quadro de empobrecimento do solo e consequentemente da estagnação econômica de uma região essencialmente agrícola, as microbacias precisam cada vez mais ser efetivadas. Para isso é necessário "um tra-

balho integrado e a aplicação de tecnologias modernas e adequadas, racionalizadoras do uso e poupadoras de insumos químicos e de divisa", assina-la mais uma vez Rivaldo. Em resumo, o que se pretende é que as propriedades sejam organizadas de forma a realizar uma exploração agrícola racional e adequada às condições regionais, preservando o solo e o meio ambiente por excelência, e em

última instância obtendo maior lucratividade".

A palavra integrado, entretanto, é definidora desse processo, acentua o agrônomo, chamando a atenção para a abrangência do programa seja pela participação do poder público, pela disponibilidade da assistência técnica e a conscientização do produtor em administrar a conservação do solo na propriedade sem cair em práticas isoladas. Partindo do princípio básico de que a erosão hídrica do solo é causada fundamentalmente pelo impacto da chuva no solo descoberto, Rivaldo afirma mais uma vez que não adianta trabalhar somente as práticas mecânicas ou somente as culturais.

"Não existe uma prática única de conservação do solo e da água que satisfaça plenamente. O controle da erosão somente se obtém integrando várias práticas, sejam mecânicas - terraceamento, subsolagem, cultivo mínimo, alternância de capinas... - ou culturais, onde é imprescindível a rotação de culturas e onde se destaca a cobertura vegetal, bem exemplificada pelo plantio direto e ainda as pere-nizações e consorciações.

E aliando algumas dessas práticas ou mesmo usando todas elas que o produtor pode ficar seguro de que o seu solo, inclusive depois de ter a fertilidade corrigida, está sendo melhorado na sua parte física, química e biológica. Os resultados econômicos registrados pelas melhores produtividades logo aparecem, como comprovam alguns produtores que não se encolhem frente o que a pesquisa vem dizendo há um bom tempo: o melhor negócio da propriedade é segurar a água e o solo na lavoura.

Integração é fundamental

Embora a maior parte dos produtores saibam que em qualquer programa conservacionista o importante é buscar a maior infiltração e armazenamento de água no solo, alguns descuidos sempre ocorrem, principalmente em relação a administração mais equilibrada das práticas de manejo. Isso fica mais claro em relação as costumeiras chuvas erosivas, que ocorrem de setembro a dezembro, época de preparo do solo e plantio das duas principais culturas de verão. Nesse sentido é fundamental que não se perca a noção de complementariedade das diversas práticas de conservação do solo, afirma Rivaldo Dhein, explicando que a adoção exclusiva de uma prática em detrimento de outras pode limitar os benefícios de um trabalho e de melhor resultado econômico.

Se o objetivo é global, ou seja, além do solo também segurar a água na lavoura, evitando que esta escorra para a estrada, o trabalho tem de, necessariamente, incluir a cobertura

vegetal, muito bem representado pelo plantio direto, e sem dúvida os terraços de contenção. Agindo como obstáculo ao livre escoamento, os terraços de base larga em nível, retêm a água na superfície por mais tempo, promovendo sua lenta infiltração no solo. Desta forma os solos ficam úmidos por período mais longo e a água chega limpa às vertentes, mantendo os mananciais hídricos despoluídos.

Longe de ser um conceito, essa função dos terraços é amplamente comprovada pela pesquisa. Trabalhos experimentais realizados no Centro de Treinamento da Cotrijuí com dados acumulados de dez anos - 1978 a 1988 - revelam para as lavouras de trigo e soja, em preparo convencional e sob chuva natural, perdas totais acumuladas de 118 toneladas/ha de solo e 686 mm de chuva. Os mesmos cultivos, sob plantio direto, apontam perdas de 4,6 toneladas/ha e 123 mm, respectivamente.

Um outro experimento, no qual

se aplicou cinco séries de chuvas artificiais muito intensas, durante cada um dos ciclos culturais de trigo e de soja, observou-se que as perdas de solo foram 80 por cento menores no plantio direto do que no convencional, porém, as perdas de água foram semelhantes, até mesmo um pouco maiores no plantio direto. Daí pode se concluir, afirma Rivaldo, que por ocasião das chuvas torrenciais, o sistema de plantio direto não exerce o mesmo efeito no controle às perdas de água que com chuvas normais. O que também elimina qualquer contra-argumento técnico dos terraços de base larga.

O terraço de contenção facilita ainda, segundo o agrônomo, que os tratamentos culturais e a colheita sejam realizados em nível, exigindo menos esforços das máquinas e aumentando o seu rendimento e vida útil, resultando em significativa economia de combustíveis, lubrificantes, manutenção e reposição.

Solo bem nutrido produz mais

Quem já vem colhendo resultados com a conservação do solo sabe que a safra é boa quando sobra dinheiro para aplicar na terra

Não adianta fazer os extremos se não fazemos o meio, costuma dizer o seu Almir José Bigolin, um produtor do distrito de Floresta, interior de Ijuí, que não se cansa de repetir as vantagens trazidas pela agricultura conservacionista. Proprietário de apenas 22 hectares, mas plantando em 85 hectares que administra junto com o pai, Bigolin fez da sua propriedade um ponto de referência no distrito, a qual está incluída na microbacia do Arroio Cipó, do que é um dos maiores incentivos.

"Faz uns 20 anos que venho me preocupando em manter o solo onde ele está", explica o seu Almir, ao avaliar a sua trajetória dentro do processo de recuperação da terra, que o levou a se tornar em um grande defensor do plantio direto no município, para não dizer num dos poucos existentes. Comecei a procurar subsídio por causa do plantio direto, recorda o produtor, que em pouco tempo também substituiu os terraços de base estreita com desaguadouro no meio da lavoura e as "vossorocas que enchiam uma casa", pelos terraços de base larga em nível.

Hoje estou com a parte mecânica quase toda concluída, diz o vice-presidente do Clube Amigos da Terra de Ijuí, salientando que essa decisão não veio sozinha. Como o objetivo era o plantio direto, pensei em trabalhar aplicando tudo o que era recomendado, pois ele traz resultados, mas é exigente, reconhece Bigolin, destacando a necessidade de uma boa correção de solo e acima de tudo da rotação de culturas.

Ainda não cheguei nos 50 por cento de rotação exigidos pelo plantio direto, explica Bigolin. Mas do que fez até hoje já é suficiente para esperar uma safra ao redor de 50 sacos de soja por hectare e afirmar com muita convicção que "o agricultor que não

fizer rotação, em poucos anos, não colhe mais soja, ou pelo menos não ultrapassa a média do Estado".

Em função de todo esse trabalho que aliou à manutenção da palha, o terraceamento, a rotação de culturas e a correção da fertilidade do solo. Bigolin pode se orgulhar de análises de solo que conferem um objetivo muito perseguido por ele. "Minha terra não tem fome", afirma o produtor que antes de se preocupar com a saúde do solo chegou a plantar em 400 hectares de lavoura. "Tinha mais planta e vivia pedindo dinheiro emprestado", recorda ele, dizendo que na mesma época a terra sempre apresentava uma necessidade de três a três mil e 500 quilos de calcário por hectare, enquanto hoje essa relação ficou zerada, principalmente nos 18 hectares cultivados com plantio direto.

"Se não acontecer nenhum impedimento, quero fechar tudo com plantio direto em dois anos", prevê o produtor que ainda ficou mais entusiasmado com os resultados de um experimento conduzido pelo pesquisador Ciro Petreire da Fundacep-Fecotrigo em conjunto com o engenheiro agrônomo da Cotrijuí, Fernando Rodrigues, na sua propriedade. Ali se aplicou um sistema integrado de adubação para a cultura do milho, em função da rotação de culturas e classe de fertilidade, onde será avaliado a eficiência da adubação crescente de doses de nitrogênio e da interação de fósforo e zinco na produção de grãos.

Em primeira avaliação diz respeito ao desenvolvimento do sistema radicular utilizando o método de perfil cultural, apresentou bons resultados quanto ao crescimento, chegando as raízes da planta a profundidades de até 1 metro e 40 centímetros. A avaliação final da área será realizada nos próximos dias, para a qual os técnicos esperam resultados muito satisfatórios.



José Ruedell
Fundacep

tão", explica Ruedell, destacando os aspectos de melhoria do solo e de fertilidade conseguida pelo rodízio de culturas.

Pelos dados colhidos nesses sete anos pode se observar pontos importantes ligados a economia da propriedade, diz Ruedell, chamando a atenção para os rendimentos obtidos na soja, no milho e no trigo, graças ao suporte da rotação de culturas. "Contamos com um sistema de rotação onde o milho ocupa 1/3 da área em relação a 2/3 da soja. No inverno a área é ocupada com 1/3 de trigo, 1/3 de aveia ou outras gramíneas e 1/3 de leguminosas. Com este esquema conseguimos na soja um ganho de 14 por cento no plantio direto.

O milho foi a cultura que apresentou maior diferença entre os dois sistemas - uma média de 28 por cento



Almir Bigolin
Estabilidade econômica com a melhoria do solo

Investindo no futuro

Desde 1976, o produtor David Ceolin, também presidente da Cooperativa de Crédito de Santo Augusto, vem se preocupando em melhorar as condições do solo da propriedade que administra junto com a família, um total de 625 hectares entre terra própria e arrendada. O interesse pela conservação de solo também começou pela experimentação do plantio direto e pela extinção de uma das maiores heresias cometidas contra a terra, que era a queima da palha.

Por um bom tempo o plantio direto foi feito de forma incompleta, conta Ceolin, admitindo a falta de uma série de práticas de manejo necessário à sua adoção. "Há poucos anos acertei o passo", diz o produtor que hoje possui uma área de 100 hectares com esse sistema, e onde segundo sua avaliação, até a estrutura do solo melhorou bastante.

Para essa melhoria contribuiu muito a decisão do Ceolin em rotacionar a área da lavoura, com outras culturas melhoradas do solo. Comecei com 30 hectares de milho e hoje já cheguei aos 110 hectares, comenta, justificando a sua preferência por uma razão muito forte: as doenças da soja que foram aparecendo ano a ano. Atento aos prejuízos futuros, Ceolin passou a utilizar o milho para quebrar a resistência de doenças do solo, chegando hoje a colher na área rotacionada 51 sacos de soja por hectare em média, mas certo de que aonde a soja foi cultivada em plantio direto esse número alcançou os 60 sacos por hectare.

Satisfeito com os resultados que vem registrando, não se abala com a pouca produção do milho prejudicado pela seca de dezembro. Vou continuar, no mínimo mantendo a área de milho plantada neste ano", assegura, o produ-



David Ceolin
Nenhuma prática excluiu outra

tor que faz o balanço da safra vendo o quanto lhe sobra para corrigir mais um pouco da área da lavoura, seguindo o resultado de várias análises de solo já encaminhadas. "Se eu não fizer a correção adequada, o milho não responde, explica Ceolin, planejando ainda a próxima lavoura de verão a partir do plantio de ervilhaca e aveia no inverno.

MICROBACIAS - A mesma expectativa por uma safra mais rentável neste ano também é estendida aos demais produtores que fazem parte da microbacia de São Valentim, da qual o produtor participa com uma área de sua propriedade. Espero que o pessoal consiga capitalizar um pouco para darmos andamento na microbacia, diz Ceolin, prevendo que junto com o trabalho de estradas, também sejam expandidos os terraços de base larga em nível. Um instrumento indispensável à nossa região", considera, lembrando os altos teores de argila da terra. Como todo produtor que já faz plantio direto, Ceolin quer chegar aos 100 por cento do sistema na propriedade, mas nem por isso esquece da necessidade de integração das outras práticas. Só a palha não resolve, pois quando a chuva é intensa, perde-se muita água e muito dinheiro aplicado na terra".

As vantagens do sistema rotativo

Comparar os ganhos de produtividade nos plantios direto e convencional, indicando ainda qual é a melhor rotação de culturas para ambas as modalidades. Com esse objetivo, o pesquisador José Ruedell, da Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa - Fundacep-Fecotrigo, de Cruz Alta, que esteve em Ijuí participando do Curso sobre Cereais de Inverno, nos dias 31 e 1º de abril, desenvolveu um trabalho de pesquisa, concluído no ano passado e que está registrado na tabela ao lado.

Este trabalho iniciado em 1985 visou basicamente a comparação dos dois sistemas com várias opções de rotação de culturas. Todas as avaliações foram feitas em iguais condições para os dois sistemas, salienta o pesquisador, lembrando que as diferenças aparecem em função dos efeitos propriamente ditos do plantio direto. "O aspecto de erosão não estava em ques-

OS DOIS SISTEMAS

Resultados obtidos na área experimental da Fundacep de 1985 a 1992 (produtividade média)

	Plantio direto	Convencional	Diferença
Soja	2.941 kg/ha	2.587 kg/ha	+ 13,6%
Milho	5.843 kg/ha	4.256 kg/ha	+ 37,2%
Trigo	2.262 kg/ha	2.130 kg/ha	+ 6,19%

José Ruedell, Fundacep

favoráveis ao plantio direto. Essas diferenças, ressalta, apareceram principalmente em anos que ocorreram déficit hídrico no verão, o que somente confirma a exigência do muno na sua fase reprodutiva, de 7mm de água por dia e a ação do plantio direto, infiltrando mais água no solo.

Uma outra constatação importante, e já apregoada nos últimos anos, é que o milho junto com a soja dá muito mais rentabilidade à lavoura, afir-

ma Ruedell. Ele pode inclusive ocupar o mesmo espaço ou até maior do que o da soja, dependendo da produtividade que o produtor conseguir, um patamar que supere pelo menos os 100 sacos por hectare, recomenda. "Mas mesmo com produtividades inferiores, o milho viabiliza a cultura da soja, como demonstram os resultados da Fundacep. "Com o milho a soja tem um ganho de 350 sacos por hectare. Acho que isso deve ser considerado".

COTRIJUÍ

Assembléia tranquila

O balanço, exercício anterior e a sugestão por parte dos representantes de antecipar a data de realização da assembléia, estiveram entre os assuntos discutidos e aprovados durante a Assembléia Geral Ordinária da Cotrijuí. Quatro novos conselheiros fiscais foram eleitos e empossados

A aprovação do Balanço da cooperativa, exercício anterior, e a antecipação da data de realização da assembléia para até o dia 20 de março, foram os principais assuntos da Assembléia Geral ordinária da Cotrijuí, realizada no dia 30 de março, na sede da Afucotri de Ijuí, embora a pauta do dia contemplasse outros assuntos também importantes e que não fugiram ao interesse dos representantes e associados presentes. O pedido de antecipação da data da assembléia, reivindicada pelos representantes, tem como causa o início da colheita da soja. O presidente Ruben Ilgenfritz da Silva entendeu a preocupação dos representantes e prometeu empenho em antecipar a data da próxima assembléia para até o dia 20 de março.

Liderada pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, a mesa ainda contou com a presença do vice-presidente Euclides Casagrande e pelos superintendentes Celso Bolívar Sperotto, da Pioneira e Abu Souto Bicca, de Dom Pedrito. Após a leitura do edital de convocação da assembléia, feita pelo secretário de Administração, Paulo Stolz, a presidência convidou Rudy Arno Bönmann, representando os conselhos Fiscal; João Santos da Luz, representando o de Administração e Jovani Della Flora, o de Representantes e ainda Arthur Nardoni Filho, auditor independente, para integrarem a mesa. O conselheiro Rudy Arno Bönmann leu o parecer do Conselho Fiscal e o representante pela unidade de Augusto Pestana, Claudiován Rohenkohl, dirigiu os trabalhos por ocasião da votação do Balanço e da fixação dos honorários da diretoria.

Os números do Balanço, por já terem sido amplamente discutidos nas reuniões realizadas nas Unidades, não causaram questionamentos, sendo, portanto, aprovados por unanimidade pelos 61 representantes presentes à Assembléia, de um total de 71. Com a mesma tranquilidade foram aprovados os demais assuntos da pauta do dia, como a fixação dos honorários da diretoria e cédula de presença dos Conselheiros de Administração, Fiscais e Representantes, e a proposição do conselho de Administração de levar o resultado negativo do exercício 1992 para ser absorvido pelo fundo de Reserva e pela Reserva de Equalização.

Também, por unanimidade, foi aprovada a autorização para o Conselho de Administração adquirir, alienar ou onerar móveis e imóveis e ainda firmar contrato com qualquer estabelecimento bancário oficial, particular ou de economia mista, para financiamentos com garantia patrimonial, inclusive os referentes a recursos provenientes de cotas partes liberadas pelo governo através do Banco do Brasil ou outra instituição de crédito.

ELEIÇÃO DO NOVO CONSELHO - Durante a Assembléia foram renovados dois terços do Conselho fiscal. A chapa única, apresentada pelo Conselho de Administração, foi eleita por aclamação, e a posse logo em seguida. Foram eleitos como conselheiros fis-

cais efetivos, Rudy Bönmann, de Ijuí - confirmado no cargo; Amauri Scheer, de Augusto Pestana, que antes ocu-

Assembléia Geral Ordinária
A presença de 61 representantes de um total de 71



pava a suplência e Nelson Mário Bandeira, Ajuricaba. Como suplentes, A Assembléia elegeu Milton Luiz Calga-

ro, de Tenente Portela; José César Piccoli, de Dom Pedrito e Ari Maffi, de Coronel Bicaco.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

A discussão com os associados

Os representantes estão levando para as suas bases a discussão de um plano de Assistência Técnica para a Cotrijuí

A reorganização da assistência técnica na Cotrijuí foi o tema central da reunião dos representantes, realizada no dia 30 de março, na Afucotri de Ijuí. O assunto foi colocado pelo gerente de Produção Agropecuária Otalíz de Vargas Montardo, ocupando interinamente o cargo de diretor da Divisão Agrotécnica da Cotrijuí como uma preocupação da cooperativa e uma espécie de provocação ao debate. Da discussão do assunto nas bases é que deverão sair as propostas para a elaboração de um plano de assistência técnica na Cotrijuí. "Não estamos trazendo aqui nenhuma proposta", insistiu o Otalíz, deixando bem claro que qualquer decisão precisa partir do próprio quadro social.

A necessidade de melhorar os níveis de produtividade e a eficiência na propriedade passa indiscutivelmente pela transferência de tecnologia. Mas como levar essa tecnologia até a propriedade do associado se o quadro técnico da Cotrijuí na Pioneira está hoje constituído por 62 pessoas? Essa é a grande preocupação da cooperativa. "Atualmente a cooperativa vem fazendo um trabalho de assistência técnica coletiva", lembrou o Otalíz referindo-se aos dias de campo, reuniões técnicas, cursos, propriedades demonstrativas. Embora os números mostrem que a assistência técnica coletiva, nestes anos de experiência, tenham atingido apenas 25 por cento do quadro social, ela ainda é viável, embora o gerente de Produção Agropecuária da Cotrijuí reconheça que ela precisa ser aprimorada. Também deixa claro que a assistência técnica grupal não elimina a necessidade da assistência técnica a nível de propriedade.

Atualmente só recebem assistência técnica a nível de propriedade os produtores de peixe e os suinocultores que integram o programa cooperado, bem como os proprietários de áreas demonstrativas. "Mas como levar assistência técnica aos associados envolvidos em outras atividades? perguntou Otalíz preocupado com a situação e assegurando, no entanto que, dentro das condições atuais e da necessidade da cooperativa trabalhar com um corpo técnico enxuto, atingir a todos é algo praticamente impossível. "Essa é a razão pela qual precisamos elaborar um plano de assistência técnica", disse mais uma vez Otalíz largando a discussão e o encaminhamento das propostas



Reunião dos representantes
Em discussão a assistência técnica e a reforma do estatuto social

para os representantes.

Será que todos os associados merecem assistência técnica a nível de propriedade? colocaram alguns representantes. Será que não está na hora da cooperativa trabalhar com qualidade e não com números?, levantou, por exemplo, o coordenador dos representantes de Ijuí, Euclides Marino Gabbi. Mas quem é o associado 100 por cento? Aquele que entrega toda a sua produção na cooperativa, participa de todos os eventos técnicos e ainda faz planos de produção? "Esses critérios precisam ser definidos mais claramente", disse Otalíz para quem a definição destes aspectos não só ajudariam na elaboração de um plano de assistência técnica como também levaria a cooperativa a programar mais ajustadamente - e nos momentos mais adequados - as suas compras de insumos.

DELICADO - Mesmo defendendo a necessidade de um quadro social mais fiel em termos de entrega de produção, Euclides Marino Gabbi reconhece que a questão é muito delicada e merece uma discussão profunda. "A assistência técnica é indispensável se quisermos continuar produzindo. Só que ela não pode cair do céu", observou. Para o representante Santo Dezordi, também de Ijuí, a assistência técnica é um instrumento até para repensar a cooperativa como um todo.

José Antônio Peterle, coordenador dos representantes de Dom Pedrito, colocou o departamento técnico como sendo a alma da cooperativa, mas sugeriu que ele seja transformado, a exemplo do que ocorreu em Dom Pedrito, em assessoria comercial. "O melhor departamento técnico é aquele que não recomenda a

compra de inseticidas para o combate da lagarta da soja, por exemplo, rebateu Luiz Carlos Kommers, de Santo Augusto.

"A cooperativa precisa trabalhar com qualidade", disse o representante Constância José Lauro, de Coronel Bicaco defendendo maior fidelidade por parte do associado na entrega da sua produção e sugerindo que associados não fiéis, não sejam beneficiados com assistência técnica gratuita na propriedade. "Precisamos definir de uma vez por todas se somos ou não somos cooperativados", voltou a insistir Euclides Marino Gabbi.

Evidentemente que o assunto não se esgotou em apenas uma manhã de discussões. Mas agora ele está sendo levado para as bases, de onde sairão as sugestões e proposta para o plano de assistência técnica da Cotrijuí. As propostas serão apresentadas, para serem discutidas, já na próxima reunião do Conselho de Representantes.

ESTATUTO SOCIAL - Nas discussões do dia ainda a questão da reforma do Estatuto Social da Cotrijuí. O assunto ficou sob a responsabilidade de uma comissão formada pelos representantes Bráulio Martins da Rocha, representando as unidades de Tenente Portela, Coronel Bicaco e Dois Irmãos; Jovani Della Flora, por Ajuricaba; Chiapetta, Santo Augusto e São Valério; Euclides Marino Gabbi, representando Augusto Pestana, Jóia, Coronel Barros e Ijuí e José Antônio Peterle, por Dom Pedrito. Ainda integram a comissão o diretor Administrativo, Gustavo Drews, o assessor de Comunicação, Valmir Beck da Rosa e um representante da coordenadoria jurídica.

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Em busca da profissionalização

Prezados senhores:

As ações do Conselho de Administração, em 1992, nortearam-se na continuidade do propósito de engrandecimento do quadro social pelo domínio da tecnologia que lhe permita alcançar melhores níveis de produtividade, gerando a viabilidade da propriedade e consequente bem-estar social do produtor e sua família.

Dentro deste enfoque, permitimo-nos sistematizar o relato destas ações sob o ângulo da profissionalização do produtor associado, o da agroindustrialização e o da profissionalização da estrutura de serviço.

Sob o primeiro ângulo, fortaleceram-se as relações com o próprio produtor, com os órgãos constituídos, com instituições de pesquisa, de crédito, universidades e os fornecedores. A renovação de 72,53 por cento do Conselho de Representantes, cuja eleição se deu em agosto, caracterizou a organização do quadro social em torno de uma efetiva representatividade, o que impõe aos escolhidos, um papel de vetor do processo junto ao quadro social.

A instrumentalização desse grupo, extensivo a Conselheiros, associados e técnicos, se deu através de extenso rol de eventos de cunho tecnológico, desde palestras, seminários, cursos, até dias de campo em lavoura demonstrativas e no nosso próprio Centro de Pesquisa e Treinamento, o CTC.

Além destes, trabalhou-se a constante busca de parcerias neste trabalho que, além de outras de não menos importância, enumeramos:

a) Com a Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento do Estado do Rio Grande do Sul sobre uso de tratores e equipamentos em projetos de microbacias, conservação de solos, açudagem e captação de água.

b) Com Prefeituras Municipais de nossa região para ações de fomento e difusão de tecnologia, visando o aporte de recursos financeiros, de máquinas e equipamentos do setor público para aplicações e operações no setor primário. Com este propósito foram firmados convênios na área de inseminação artificial de bovinos leiteiros e suínos, objetivando, através de subsídios, tornar este recurso técnico acessível a um número cada vez maior de produtores. Também as áreas de conservação e recuperação de solos, açudagem e captação de águas estão sendo contempladas através de acordos e convênios que propiciam a utilização efetiva de tratores das Prefeituras nas propriedades rurais.

Antecedendo o pleito de 1992, oportunizou-se a cada uma das candidaturas municipais, o acesso e a discussão de nossas propostas, assegurando, assim, a continuidade do

trabalho de parceria com os municípios.

c) Com o Banco do Brasil S.A., via repasse de recursos destinados a financiamentos de projetos de correção de solos, permitindo colocar em 29.921 hectares, o montante de 104.724 toneladas de corretivos e/ou fertilizantes.

d) Com a Emater/RS, para a integração de ações de extensão rural, com ênfase especial para trabalhos de recuperação e conservação de solos e gerenciamento da propriedade rural.

e) Com a CCG, no repasse de recursos para treinamento de produtores, aquisição de equipamentos e instalações.

f) Com diversos fornecedores no repasse de máquinas e equipamentos no sistema troca-troca por produto, servindo a Cooperativa apenas como formadora de grupo ou consignatária, e outros no repasse de defensivos agrícolas no sistema de financiamento rural.

Entendemos que ao lado da produtividade das propriedades, deve caminhar o processo de agregação de renda ao produto primário, preparando-o para o mercado consumidor, no que a Cotrijuí tem pautado por melhorias substanciais nas atividades e instalações do Frigorífico de Suínos de São Luiz Gonzaga, onde integra-se com a Cooperativa Central Oeste Catarinense de Chapecó, permitindo a transferência de tecnologia industrial daquela para nossa Unidade, bem como ampliação do mercado dos produtos. São aceleradas as obras da Agroindústria de Cereais, em Ijuí, somando US\$ 4.966.000 (quatro milhões, novecentos e sessenta e seis mil dólares), investidos até este final de ano, com cronograma de início de atividades previsto para o segundo semestre de 1993. As indústrias de ração, de erva-mate, de farinha de trigo, buscaram explorar sua total capacidade de produção. Na atividade leiteira, cuja industrialização se dá pela Cooperativa Central Gaúcha de Leite, a meta de produtividade foi alvo permanente, com novos investimentos em coleta a granel, bem como em nova estrutura de recebimento e resfriamento em Jóia, que contou com recursos daquela Central e da Prefeitura local.

Implementamos a compra de gado na região colonial para abate no Frigorífico de Dom Pedrito, como forma de absorção do rebanho de corte local e de redução da ociosidade daquela unidade industrial que inclusive foi habilitada para beneficiar-se do Programa de Apoio aos Frigoríficos (Lei nº 9.495, de 08.01.92).

O início das obras da Estação de Produção de Alevinos e a definição da área do Entrepósito de Peixes, ambos em Ajuricaba, são efeitos da resposta dada pelo produtor ao Programa de Piscicultura, e

consequência da parceria com Prefeituras e Câmaras de Vereadores.

Voltados ao princípio de uma atuação da Cotrijuí exclusivamente no essencial à produção agropecuária e a disposição em também profissionalizar a estrutura de serviços, avançaram os redimensionamentos das áreas de vendas, de processamento de dados, de transporte, ocorrendo terceirizações na inseminação artificial, transportes de suínos, distribuição de carnes e derivados, e desmobilizações do IRFA, prédios diversos, como Cotridata e outros onde funcionavam áreas de vendas, além de veículos e equipamentos, atingindo estas um montante de US\$ 16.158.414,34, a médio e longo prazo.

A preocupação pelo acompanhamento das inovações tecnológicas nos levou a dotar nossas instalações armazenadoras de modernos sistemas de aeração, dando a estas igualdade de condições técnicas aos similares mais modernos, qualificando o próprio patrimônio, e assim agregando qualidade ao produto armazenado, com reflexos nas operações comerciais por atender às exigências do mercado consumidor. Cabe também citar a manutenção de mecanismos de comercialização, em especial dos produtos soja e milho, que, ao lado da modernização da estrutura, permite ao produtor associado realmente contar com a sua Cooperativa, não lhe impondo necessidades de investimentos particulares, cujos custos certamente serão elevados. A mesma preocupação pelo acompanhamento tecnológico nas áreas industriais e de operações se estendeu

às áreas de serviço ao associado, redefinindo a atuação da área de processamento de dados, fazendo-a voltar-se aos serviços internos e levando aos diferentes setores um sistema de multiusuário, permitindo agilidade no acesso à informação, racionalidade nos fluxos operacionais e consequente melhoria no atendimento.

Percebemos a necessidade de implementar uma nova cultura organizacional, como já frisamos, voltada às essencialidades do processo produtivo agropecuário, substituindo a visão QUANTITATIVA de nossas operações pela QUALITATIVA e de RESULTADOS SETORIAIS que permitam decisões rápidas na busca da eficiência e eficácia de cada um, e assim projetar o resultado global. Frente a esta percepção, o Conselho de Administração assume seu papel de cúpula estratégica e institucionaliza uma estrutura administrativa, incumbindo a esta todo processo produtivo e de apoio dentro da filosofia acima mencionada. Esta estrutura teve neste último semestre envolvimento direto na sua consolidação, e apesar do curto período, sente-se considerável crescimento.

Ao relatar estas ações, que num conjunto nos permitiram encaminhar os rumos da nossa Cotrijuí até aqui, na certeza de estarmos trilhando o mais adequado caminho, esboçado no mais amplo processo participativo tanto de associados como de funcionários, cumprindo assim a Cotrijuí sua função maior de viabilização da atividade agropecuária.

Ijuí, março de 1993

O novo Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal da Cotrijuí sofreu renovação em dois terços de seus integrantes. Permaneceram Rudy Arno Bönmann e Amauri Antonio Scheer, como efetivos, e ainda Nelson Mário Bandeira, eleito e empossado durante a Assembléia. Para a suplência, foram eleitos Ari Maffi, Milton Luiz Calgaro e João Cesar Picolli

Os efetivos



Rudy Arno Bönmann
- Ijuí -



Amauri Antonio Scheer
- Augusto Pestana -



Nelson Mário Bandeira
- Ajuricaba -

Os suplentes



Milton Luiz Calgaro
- Tenente Portela -



João Cesar Picolli
- Dom Pedrito -

Qualidade da carne traz melhor remuneração

Sistema de classificação de carcaça foi o tema da 1ª etapa do Curso de Atualização em Suinocultura, realizado em Santo Augusto

Qualificação da carne suína, com melhor rendimento industrial e com maior remuneração ao produtor. Esse em resumo, o assunto discutido pelos suinocultores da região da Cotrijuí e técnicos durante a 1ª etapa do Curso de Atualização em Suinocultura deste ano, realizado no dia 12 de março, em Santo Augusto. O encontro contou com uma palestra ministrada pelo médico-veterinário Dirceu Renato da Silva Santos, responsável pelo sistema de classificação de carcaças da Perdigão S.A., com sede em Videira, Santa Catarina.

Apoiado na experiência particular da empresa que começou a desenvolver um trabalho de tipificação de carcaças a partir de 1987, Dirceu Santos lembrou de início que o assunto embora pareça muito simples envolve uma série de cuidados de manejo e de organização geral da produção, os quais se bem administrados podem reverter uma tradicional disparidade entre a classificação do animal antes e depois da sua entrada na indústria.

"Graças a boa vontade dos produtores, conseguimos desenvolver um trabalho que hoje já está se disseminando para todo o Brasil, disse Dirceu, apontando as exigências e potencialidades do mercado de carne suína. Embora o consumo da carne suína no Brasil ainda seja muito pequeno - 6,7 quilos por habitante ao ano -, existe um mercado querendo bons cortes e até falando em coxão mole do porco. Além disso ninguém duvida hoje que os países com maior tecnologia em produção estão mais fortalecidos, e que fora do Brasil, os parceiros do Mercosul, se mostram como maus produtores de suínos, mas em compensação, com uma população com poder aquisitivo suficiente para comprar embutidos mais nobres.

CAIXA DE SURPRESA - É justamente nesse contexto que o programa de melhoramento de carcaças da Perdigão começou a ser implantado, relatou o veterinário, falando sobre a substituição de um sistema de comercialização do suíno vivo para uma comercialização na linha de abate do frigorífico. Na verdade, o suíno deixou de ser uma caixa de surpresa, ou seja, um produto que até então era valorizado apenas pela aparência exterior e onde os parâmetros de cor e pelagem são muito semelhantes, para ser remunerado enquanto carcaça, obedecendo um rigoroso padrão de quantidade de carne magra, de espessura de toucinho, de ossos e da própria qualidade da carne.

São estes fatores que influem diretamente na competitividade industrial e por isso, na experiência catarinense, os programas de melhoria genética e de adequação de manejo, realizados com o objetivo de proporcionar maior conforto ao suíno, foram sendo estimulados com uma nova preocupação, já que o sistema de pagamento com preço único para o suíno branco tipo carne, mostrava uma realidade bem intrigante. Segundo o veterinário, naquela época, a região tinha 95 por cento da produção como sendo tipo carne, mas a indústria produzia com os mesmos índices de rentabilidade



Curso de Atualização
Reunião aconteceu na unidade de Santo Augusto

PERDIGÃO AGROINDUSTRIAL S/A SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO DE CARÇAÇAS DADOS COMPARATIVOS DE PERFORMANCE

"Rebanhos em teste dos 25 aos 85 (kg) de peso vivo com alimentação à vontade"

Genético Padrão 1 = muito boa
Genético Padrão 2 = ruim

Característica	Genética		Média
	Padrão 1	Padrão 2	
Eficiência de conversão alimentar	2,73	3,18	3,02
Ganho de Peso Diário (G.P.D)	832	769	794
Cresc. Tecido magro/dia (gr)	346	288	313
Eficiência de Conversão por Kg de Carne Produzida	6,35	9,02	7,81
Percentual de Carne na Carcaça (%)	55,50	46,70	51,80
Espessura de toucinho (P2 mm)	11,60	18,90	14,70

Vet.: Dirceu Renato
Sup.: M.F.

de qualquer outra.

O processo de mudança com a implantação do sistema de classificação de carcaça, mexeu com todo mundo, desde o produtor, técnicos, até o transportador que começaram a perceber que uma carcaça mais tecnificada e com maior qualidade depende de diversos fatores. "Em suma, todos viram que para produzir porco com qualidade, é preciso ter uma boa genética - que oriente os cruzamentos de mestiçagem, manejo de alimentação e instalações adequadas, que possibilitem terminar um animal em menor tempo e com custos menores e também evitar um carregamento e transporte com estresse ao animal".

PREÇO DIFERENCIADO - Como

estímulo mais concreto ao novo sistema, que começou a funcionar em 1991, apareceu uma forma de remuneração feita em cima da carcaça, considerando duas condições: a carcaça rentável, ou seja, aquela que apresenta todos os parâmetros mínimos de competitividade recebe um preço acima de 100 por cento do valor do quilo do suíno vivo e a carcaça não rentável, um preço abaixo dos 100 por cento.

Essa remuneração supervalorizada significa às vezes até 24 por cento de acréscimo sobre o preço do suíno vivo, salientou Dirceu, mostrando o quanto ela influenciou na organização do produtor. No início da implantação do sistema, apenas 21 por cento dos produtores estavam dispostos a traba-



Dirceu Renato dos Santos

lhar pela qualidade, isto é, conseguiam obter uma remuneração acima de 100 por cento. Dois anos depois, este grupo já representa 49,3 por cento do total de integrados, responsável pelo abate de cinco mil suínos ao dia.

Com uma tendência de crescimento na quantidade e qualidade de carne produzida, a empresa catarinense já trabalha com a perspectiva de eliminar a compra de terceiro nos próximos anos. O produtor está cada vez mais consciente de que sai muito mais barato produzir carne, pois contando com um bom material genético e mantendo uma dieta alimentar mais equilibrada, ele pode ter mais lucro sobre o suíno. Ele está percebendo que dos 69 quilos de carcaça de um suíno de 95 quilos é possível retirar bem mais do que os 35,88 quilos de carne magra registrada em uma carcaça média.

"Hoje, na nossa região, já trabalhamos com uma carcaça em que o rendimento médio da carne alcança os 54 por cento", assinalou Dirceu, lembrando ainda que esse número não representa um limite máximo, já que na Europa, a suinocultura trabalha com carcaça com 60 ou mais por cento de carne magra.

O alto rendimento de carne magra, entretanto, tem que estar acompanhado de uma outra garantia de competitividade industrial, que é a qualidade de carne, disse ainda o veterinário. Nesse ponto, a carteira de identidade da carcaça é apresentada pela coloração da carne abatida no frigorífico, explicou, mostrando diferentes cortes de cor róseo avermelhado, pálida e vermelho escuro, onde o primeiro representa o aspecto ideal em termos de qualidade.

Para obter esse tipo de carne, os cuidados são praticamente os mesmos que interferem na quantidade da carne produzida, com o adicional do carregamento e do transporte do animal, para o que é fundamental procurar reduzir ao máximo todas as possibilidades que venham a provocar estresse nos animais, como seguir horários propícios, menor tempo de deslocamento até a indústria, manter um espaço de no mínimo 0,45 metros quadrados por animal dentro do caminhão, contar com pisos anti-derrapantes dentro destes e contar com menor tempo de espera para o abate, entre tantos outros aspectos, inclusive mantendo uma alimentação adequada do suíno, no dia anterior ao abate.

Todos estes fatores têm sido trabalhados pela Perdigão, afirmou por fim Dirceu, como forma de organizar uma produção comercializada com maior tecnificação. O resultado desse programa pode ser melhor avaliado pela elevação dos rendimentos tanto ao produtor como a indústria, através de um ganho real médio de lucratividade de aproximadamente três por cento em dois anos.

MICROBACIAS HIDROGRÁFICAS

Vontade política

A má utilização do solo, tirando-lhe a fertilidade natural e as condições dos mananciais de água, tornaram-se insuportáveis para os produtores do município de Marau. A gravidade da situação levou técnicos, poder público e a sociedade, numa soma de esforços, a procurar uma saída que reverteresse esse quadro.

Dessa tomada de consciência e atitudes concretas, nasceu o Programa de Recuperação de Solos em Microbacias Hidrográficas de Marau, pioneiro no Rio Grande do Sul. O programa começou em 1984, envolvendo apenas dois produtores e 46 hectares. Hoje, passados 10 anos, além de ter extrapolado as fronteiras do Estado pelo seu pioneirismo, ineditismo e sucesso alcançado, já envolve cerca de 600 famílias, 12 mil hectares e a integração de 35 comunidades.

Para falar sobre esse programa pioneiro no Estado e das condições que levou a tal estágio de aceitação por parte dos produtores, esteve em Ilul, mais uma vez, o ex-prefeito de Marau, João José Santin. Ele veio a convite do departamento técnico da Cotrijul, com o apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Emater, Aipan e Clube Amigos da Terra. Santin também falou sobre o programa de microbacias hidrográficas a técnicos, produtores, autoridades municipais e a estudantes de Ajuricaba, São Valério, Coronel Bicaco e Tenente Portela.

ACEITAÇÃO - "A primeira microbacia a ser preparada é a da nossa cabeça", recebeu Santin referindo-se a necessidade do produtor aceitar as idéias e orientações dos técnicos. Disse que dessa aceitação vai depender o sucesso ou o insucesso do trabalho. "Se tentarmos colocar o programa de cima para baixo, dificilmente ele terá uma sequência lógica ao longo dos anos", alertou o ex-prefeito colocando a sua experiência no assunto como prova da necessidade do produtor querer se envolver e participar do programa.

A necessidade de preparo das pessoas envolvidas, e em especial dos produtores, parte do princípio de que um programa de microbacias hidrográficas só pode ter sucesso se desconhecer as divisas das propriedades. "Para um programa de microbacias hidrográficas bem elaborado não existem divisas, não existem grandes, médios ou pequenos produtores. Só existem famílias, comunidades rurais, onde a prioridade é a recuperação do solo e a conservação do que ainda existe", alertou.

Em Marau, um município de pouco mais de 25 mil habitantes, o programa de microbacias hidrográficas não funciona isoladamente e não tem como princípio apenas a recuperação do solo. Ele é a questão prioritária, mas é também complementado por outros programas que envolvem desde a eletrificação e telefonia rural, até o transporte escolar, programas de injeção artificial em suínos, depósito de lixo tóxico, usina de reciclagem de lixo, abastecimento para pulverizadores, abatedouro municipal, entre outros.

Para uma população de sete mil agricultores que ainda hoje moram no meio rural, foram instalados 1.360 telefones rurais. "Tanto a eletrificação como a telefonia rural só cresceram no município porque as pessoas já estavam integradas ao programa de microbacias", disse Santin, para quem estes

programas refletem a organização do produtor e a vontade de permanecer na terra trabalhando.

Bastante estimulado e incentivado no seu governo, a eletrificação rural chegou às propriedades através de 2.520 redes elétricas e o abastecimento de água a partir da instalação de 4.350 redes, sendo 870 delas comunitárias. Na área da saúde - "onde entendemos que a melhor forma de tratar a saúde é a preventiva" - Santin encerrou seu mandato com 45 minipostos de saúde instalados.

AÇÕES CONJUNTAS - Evidentemen-

te, disse o ex-prefeito, que todos estes programas não foram desenvolvidos de forma isolada. Coube ao poder público a decisão política de desenvolver os programas que contaram com o apoio do Conselho de Desenvolvimento Agropecuário, a Emater, Banco do Brasil e técnicos da cooperativa. "Cabe ao administrador público de cada município oferecer condições para que o produtor não tenha apenas melhoria na sua propriedade, na sua produtividade, mas também na qualidade de vida". Disse que o programa como um todo tem essas necessidades e abran-



João José Santin

gências, passando a atingir o produtor na sua comunidade, na sua propriedade, na sua família. Para o ex-prefeito de Marau, muito mais importante que os 12 mil hectares que já estão dentro de um programa de microbacias é a vontade dos agricultores de buscar melhor qualidade de vida, de ter maiores ganhos na propriedade através de novos níveis de produtividade.

ARTIGO

Que cenário é este?

Dionísio Weschenfelder

Pensar economia, política ou a sociedade contemporânea, é um desafio que requer muita pesquisa e atenção aos detalhes que fazem parte de determinado processo.

Ao imaginar o atual estágio das civilizações, é imprescindível compreender a luta pela sobrevivência dos povos. Desde a Idade Média verificou-se uma importante ruptura, quando do surgimento das primeiras cidades e a destruição dos feudos com o aparecimento dos pequenos proprietários de terra.

A agricultura começou a abastecer as cidades que trabalhavam com o comércio e a indústria na chamada "Revolução Industrial".

Surgiu a Primeira Guerra Mundial - 1914 -, a segunda Guerra Mundial - 1939 - e finda esta, emerge o conflito Leste/Oeste, a chamada "Guerra Fria", liderada pelos Estados Unidos. Uma Europa destruída, Japão aniquilado, União Soviética socialista e aparentemente forte e os Estados Unidos financiando a reconstrução da Europa através do "Plano Marshall". Este é no momento o cenário econômico e político mundial.

No decorrer do tempo as economias crescem em escala mundial e os Estados Unidos começam a perder sua hegemonia. Japão reestruturado investindo nos países asiáticos. Os países da Europa, com um projeto sem precedentes na história, recuperando sua hegemonia econômica e política através da Comunidade Econômica Européia e a economia norte-americana em franco declínio. É preciso fazer uma Guerra no Golfo Pérsico para os americanos mostrarem ao mundo que ainda são uma potência militar, cujo financiamento veio de países fortes como Japão, Alemanha e França com objetivos também claros de reaquecer a economia americana, através da indústria bélica.

O reordenamento do capital financeiro internacional fez emergir os blocos econômicos e a transnacionalização da economia.

É a América Latina, como fica neste processo? O presidente George Bush lança o plano "Iniciativa para as Américas" assegurando espaço no mercado mundial e uma consequente correlação de forças a nível internacional. O Mercosul já estava portanto projetado.



Dionísio Weschenfelder

Quem produz quer vender e ganhar e, afinal, é preciso existir mercado. A disputa por mercados no plano internacional, visando a colocação de produtos e o aquecimento da economia de determinado país, é a peça chave no entendimento da formação de blocos e também para discutirmos o processo Mercosul.

Este é um cenário de política que requer eminentemente, alta tecnologia, produtividade, eficiência na aplicação dos recursos e redução. É, em fim, a competitividade. A agricultura, mais do que nunca será atingida. A pergunta a fazer é a seguinte: o que resta aos pequenos produtores?

Para analisar um processo de integração econômica é preciso levar em conta diversas fases, a exemplo do que vem acontecendo na Comunidade Européia: Zona de Livre Comércio, União Aduaneira; Mercado Comum; União Econômica e Monetária e União Política.

A tentativa dos quatro países que integram este projeto - Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai -, está em sua fase inicial, ou seja, na criação de uma Zona de Livre Comércio.

Implica, portanto, numa redução progressiva das tarifas nas exportações e importações destes países. As mercadorias circulariam livremente na zona.

Ora, no momento que não existir mais proteção por parte dos países nos respectivos setores da economia, só vai poder produzir quem realmen-

te tiver efetivamente maior produtividade, qualidade e menor preço. Qual a preocupação, portanto? O sul do Brasil, por exemplo, produz os mesmos produtos dos parceiros de Mercosul na agricultura. A Argentina, por exemplo, produz trigo mais barato e de melhor qualidade. Se o produtor brasileiro não adequar a sua produção, não obterá lucratividade em colocar seu produto no mercado. É lógico que ele não irá mais produzir. Falará o quê? Deixará a agricultura e migrará para a cidade.

Os viticultores já estão estudando projetos de reconversão, a fim de evitar a quebra de muitas pequenas propriedades. Argentina produz em um hectare de terra, 50 mil quilos de uva e o Brasil, na mesma área, apenas 15 mil quilos.

A preocupação fundamental é no sentido de que a sociedade se mobilize, juntamente com o governo, para criar mecanismos específicos afim de reverter esse processo. O governo, até o momento, não tem demonstrado maior interesse pelo assunto. A agricultura é um fator crucial para que a integração ocorra. Ela também foi o motor da Comunidade Européia.

A teoria da integração sugere uma melhoria de qualidade de vida aos integrantes do bloco, não a desintegração que é grande entre determinadas políticas oficiais que estão sendo adotadas.

O processo do Mercosul é irreversível do ponto de vista da economia mundial e da relação de forças políticas que jogam seus produtos no mercado internacional. O Brasil sozinho, não terá esta força para impor determinadas restrições em relação ao comércio entre os diversos blocos. Argentina e Brasil estão colocados entre os maiores produtores de oleaginosas no mundo, tendo em vista que a cada dia que passa, este setor adquire maior importância. Justamente aqui reside a importância da integração, visando o fortalecimento político internacional.

Mas pergunto: e a agricultura do Rio Grande do Sul, que é basicamente formada por pequenos e médios produtores? Haverá espaços para os mesmos?

* Dionísio Weschenfelder é administrador de empresas e assessor sindical da Federação dos Trabalhadores na Agricultura



PREÇOS AGRÍCOLAS

As médias dos últimos 13 anos

Qual o melhor mês do ano para comercializar a soja, por exemplo? Em maio e junho, período que sucede a colheita ou mais para o final do ano, a partir de setembro/outubro? Essa é uma decisão que deveria ser muito bem avaliada pelo produtor, embora, infelizmente, seja preciso reconhecer que, em muitos casos, ela fica atrelada a compromissos assumidos anteriormente para serem saldados com a colheita. Com a chance de poder escolher a melhor época para vender a sua produção, o produtor sai sempre perdendo dinheiro. Se deixasse para comercializar a sua soja em outubro, por exemplo quando his-

toricamente os preços sempre são mais compensadores, a receita agregada seria maior.

Em abril do ano passado, tentando ajudar os produtores associados da Cotrijuí na sua decisão de escolher a hora certa para vender a sua produção, o Cotrijornal publicou um trabalho mostrando a evolução histórica dos preços da soja, do milho, do trigo, do leite, do suíno e do bovino ocorrida nos últimos 12 anos. Como havíamos prometido na ocasião, estamos publicando nesta edição, o mesmo trabalho, porém de forma mais completa e que também poderá ser guardado pelo produtor para futu-

ras consultas durante o decorrer do ano. O trabalho de apuração de dados, levantado pelo Luís Juliani, do Setor de Economia Rural/Divisão Agrotécnica da Cotrijuí, traz as médias históricas alcançadas nestes últimos 13 anos, além da média de preços alcançada pelos cinco principais produtos em 1992, com base no dólar. Com essas informações em mãos, os produtores poderão comparar as médias acumuladas nos últimos 13 anos com as cotações alcançadas mês a mês em 1992 e tomar a decisão que achar conveniente para vender a sua safra, ou pelo menos parte dela.

Além desta coleta de dados refe-

rente a evolução dos preços agrícolas, o Cotrijornal vai continuar publicando, todos os meses e de forma simplificada, o mesmo trabalho mostrando as médias dos últimos anos e as cotações mês a mês de cada uma das atividades agropecuárias citadas acima. Também terá continuação a publicação do trabalho "Quanto vale o seu produto". A idéia é mostrar ao produtor o seu poder de compra em relação a outros produtos e também em relação aos principais insumos usados nas atividades agropecuárias mencionadas, os índices econômicos e ainda os preços mínimos.

SOJA

1. SOJA - US\$/saca

ANO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	MÉDIA
1980	10,25	10,59	10,26	9,99	10,24	10,43	11,24	12,00	11,72	13,02	13,34	10,16	11,10
1981	10,27	11,69	12,25	12,91	11,89	10,73	11,36	10,72	10,49	10,54	10,45	10,72	11,17
1982	11,16	10,77	11,54	12,85	12,79	12,01	10,95	9,60	9,17	9,02	9,48	10,09	10,79
1983	10,17	9,13	9,46	9,78	9,83	9,85	11,77	17,74	16,94	15,46	15,21	14,74	12,51
1984	13,72	12,74	13,46	13,70	14,76	12,16	10,53	11,04	10,68	12,03	11,76	11,13	12,31
1985	10,44	10,22	9,97	9,98	9,02	8,20	9,56	9,47	8,84	9,53	10,32	9,65	9,60
1986	9,43	9,03	FM	9,10	9,28	FM	9,06	9,06	9,06	9,23	9,36	9,44	9,21
1987	8,45	7,47	7,01	7,40	9,54	FM	9,25	9,99	11,44	11,19	11,84	13,00	9,69
1988	12,41	11,85	10,05	12,10	11,97	14,69	15,03	14,83	15,17	14,99	16,25	15,63	13,75
1989	14,01	13,01	12,95	13,39	13,48	11,41	10,06	8,47	10,30	10,46	10,37	9,98	11,49
1990	9,97	9,21	10,37	8,61	9,59	8,82	8,91	9,73	9,25	9,27	9,29	9,47	9,37
1991	8,79	9,29	10,10	10,27	10,14	9,92	9,35	10,64	11,82	11,71	9,64	9,25	10,08
Média	10,76	10,42	10,68	10,84	11,04	10,82	10,59	11,11	11,24	11,37	11,03	11,11	10,92
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58	10,18

Baseado no preço médio e dólar médio do mês
Fonte: Divisão Agrotécnica/Comercialização
Elaboração: Economia Rural

MILHO

2. MILHO - US\$/saca

ANO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	MÉDIA
1980	5,70	5,96	5,56	6,36	6,31	7,86	7,80	8,60	9,73	9,39	9,60	9,34	7,68
1981	10,23	8,93	7,84	7,38	7,31	6,56	5,99	5,65	5,34	5,49	6,44	5,79	6,91
1982	5,79	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1983	6,89	—	4,73	4,57	5,67	7,00	7,19	7,90	8,81	11,28	9,85	9,15	7,55
1984	—	—	6,73	6,13	5,97	5,47	4,96	4,77	5,00	5,51	6,25	5,98	5,68
1985	5,67	6,55	6,64	6,45	5,85	5,32	4,90	4,70	4,49	4,64	6,11	5,83	5,60
1986	7,56	6,94	—	6,16	6,16	6,16	6,16	6,16	6,10	6,04	5,85	6,31	—
1987	5,76	4,68	—	5,17	4,49	4,36	3,82	4,25	4,22	3,18	5,07	5,02	4,55
1988	5,69	5,71	5,77	5,35	6,70	6,42	6,00	6,35	7,66	7,84	8,10	6,53	—
1989	7,42	7,23	7,26	7,69	7,69	8,77	7,14	5,59	5,33	5,62	5,93	5,83	6,88
1990	6,68	5,67	5,70	5,57	7,25	8,12	7,81	7,93	8,62	7,60	7,09	7,18	7,13
1991	6,06	5,61	6,67	7,68	8,30	7,36	6,66	7,35	7,55	7,49	6,54	6,20	6,96
Média	6,68	6,36	6,32	6,27	6,40	6,70	6,26	6,26	6,51	6,72	6,97	6,75	6,52
1992	5,62	4,72	4,23	—	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28	5,70

Fonte: Divisão Agrotécnica/Comercialização
Elaboração: Economia Rural

Os produtores de milho não tiveram muito o que comemorar em 1992. Os preços praticados no decorrer do ano foram os piores dos últimos 13 anos, ganhando apenas dos preços alcançados em 1984, 1985 e 1987. A oferta de produto e a pouca demanda fizeram com que em 1992, um saco de milho valesse em média, 5,70 dólares. Os piores preços ocorreram nos meses de fevereiro e março, quando um saco de produto foi cotado em 4,72 e 4,23 dólares, respectivamente. Uma lavoura bem menor foi a resposta dos produtores de milho a um mercado que, para este ano, já fala em importação do produto para cobrir as necessidades internas de consumo.

TRIGO

3. TRIGO - US\$/saca

ANO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	MÉDIA
1980	—	—	—	14,75	14,28	13,84	13,44	13,00	12,54	12,10	11,58	11,09	12,95
1981	—	—	—	21,63	20,40	19,27	18,24	17,12	16,26	15,36	14,52	13,68	17,39
1982	—	—	—	16,00	15,95	16,00	16,02	15,86	15,74	15,79	15,82	15,89	15,89
1983	—	—	—	11,72	11,66	11,63	11,57	11,56	11,69	11,50	11,81	11,77	11,66
1984	11,74	—	—	12,98	13,00	12,97	12,86	12,90	12,91	12,80	13,00	12,91	12,79
1985	13,04	13,45	—	12,74	14,17	14,21	14,25	14,24	13,90	14,47	14,23	13,94	13,88
1986	14,08	13,06	—	14,48	14,48	14,48	14,48	14,48	14,48	14,35	14,20	13,76	14,21
1987	12,82	11,08	—	11,41	9,89	9,59	8,41	8,01	10,87	10,67	10,56	10,41	10,34
1988	9,11	7,74	—	10,28	10,15	10,12	9,98	9,97	9,97	9,71	9,68	10,85	9,77
1989	10,28	9,60	—	10,12	9,34	9,13	7,97	9,03	8,93	8,81	8,78	8,21	9,10
1990	8,27	7,59	—	6,62	8,58	8,25	7,78	7,79	8,46	8,42	7,55	7,17	7,86
1991	7,03	7,55	—	6,65	7,08	6,46	—	—	7,38	6,37	6,42	6,09	6,78
Média	10,80	10,01	—	12,45	12,17	12,27	12,18	11,93	11,70	11,51	11,31	—	—
1992	—	—	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68	8,27

Fonte: Divisão Agrotécnica/Comercialização
Elaboração: Economia Rural

SUÍNO

4. SUÍNO - US\$/kg

ANO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	MÉDIA
1980	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1981	0,76	0,70	0,70	0,78	0,70	0,55	0,56	0,57	0,56	0,58	0,61	0,69	0,63
1982	0,76	0,84	0,81	0,77	0,79	0,85	0,79	0,74	0,72	0,70	0,67	0,75	0,77
1983	0,69	0,52	0,50	0,48	0,46	0,46	0,47	0,53	0,77	0,88	0,68	0,62	0,59
1984	0,64	0,80	0,71	0,78	0,78	0,68	0,59	0,58	0,63	0,75	0,73	0,67	0,70
1985	0,67	0,67	0,59	0,50	0,45	0,49	0,50	0,60	0,58	0,61	0,78	0,75	0,60
1986	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1987	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
1988	—	—	—	—	0,56	0,57	0,64	0,61	0,61	0,70	0,69	0,91	0,66
1989	0,97	1,06	1,19	1,30	1,63	1,98	1,34	1,12	0,89	0,67	0,58	0,84	1,13
1990	0,66	0,68	0,96	0,70	0,92	1,13	1,16	1,09	1,06	0,88	0,70	0,56	0,87
1991	0,54	0,68	0,84	0,60	0,60	0,76	0,73	0,69	0,53	0,69	0,62	0,55	0,65
Média	0,71	0,74	0,79	0,74	0,77	0,83	0,75	0,73	0,71	0,72	0,67	0,70	0,73
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82	0,58

Fonte: Divisão Agrotécnica/Comercialização
Elaboração: Economia Rural

Pior situação viveu a suinocultura. 1992 teve os piores preços praticados nestes últimos 13 anos. Situação semelhante só havia ocorrido em 1983, quando o quilo do suíno valeu, em média, 0,59 cents de dólar. 1985 também foi um ano difícil, fechando com uma média de 0,60 cents de dólar pagos por um quilo de carne de suíno. O melhor ano para a suinocultura - comparar tabela - ocorreu em 1989. Neste ano, um quilo de suíno valeu, em média, 1,13 dólar. Mas em 1992, o suinocultor amargou a condição de ter que vender sua produção a um preço médio de 0,58 cents de dólar o quilo. Apenas no final do ano, o mercado deu uma reagida, atingindo um preço médio de 0,82 cents de dólar. Mas no restante do ano, a média de preços estabeleceu-se ao redor dos 0,55 cents de dólar, exceção feita apenas ao mês de setembro.

BOVINO

NO - US\$/kg

Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	MÉDIA
0,84	0,81	0,75	0,74	0,74	0,79	0,78	0,84	0,84	0,96	0,95	0,96	0,83
0,83	0,78	0,74	0,70	0,67	0,60	0,60	0,61	0,69	0,70	0,72	0,67	0,69
0,63	0,58	0,55	0,54	0,55	0,55	0,68	0,68	0,67	0,62	0,59	0,56	0,60
0,54	0,47	0,41	0,49	0,47	0,45	0,55	0,57	0,73	0,72	0,68	0,63	0,56
0,67	0,63	0,57	0,53	0,62	0,61	0,64	0,67	0,83	0,75	0,67	0,61	0,65
0,55	0,44	0,44	0,39	0,35	0,30	0,59	0,65	0,67	0,90	0,86	0,77	0,58
0,63	0,55	0,51	0,52	0,52	0,58	0,67	0,89	0,67	0,80	1,06	1,37	0,73
0,96	0,83	0,61	0,53	0,44	0,63	0,63	0,67	0,67	0,78	0,76	0,58	0,67
0,47	0,51	0,62	0,53	0,38	0,43	0,60	0,60	0,66	0,73	0,60	0,67	0,62
0,52	0,52	0,63	0,66	0,86	1,33	0,87	1,01	0,79	0,60	0,62	0,74	0,76
0,82	0,81	1,06	0,72	0,78	0,86	0,87	0,96	1,16	0,92	0,72	0,55	0,85
0,53	0,55	0,60	0,81	0,78	0,62	0,74	0,83	0,78	0,67	0,69	—	0,76
0,67	0,62	0,62	0,60	0,60	0,65	0,69	0,75	0,76	0,76	0,68	0,74	0,68
0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	—	0,79	0,66	0,61	0,74	0,61

Fonte: Divisão Agrotécnica/Comercialização
Elaboração: Economia Rural

O ano de 1992 também não foi lá grande coisa para pecuarista. Não tiveram os piores preços dos últimos anos, mas deixaram, mesmo assim, de ganhar muito dinheiro. O preço médio praticado pelo quilo de carne, praticado em 1991, ao redor de 0,76 cents de dólar já deixaram muito pecuarista insatisfeito. Pior, no entanto, foi ter que se dar por satisfeito com o preço médio de 0,61 cents de dólar alcançado em 1992. Março foi o pior mês para os pecuaristas. O quilo de bovino valeu apenas 0,47 cents de dólar. Preço pior que este, só o registrado em maio de 1985, quando o quilo de bovino chegou a ser comercializado por apenas 0,35 cents de dólar. No ano passado, o pior ocorreu em março - 0,46 cents de dólar.

LEITE

6. LEITE - US\$/litro

ANO	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	MÉDIA
1980	—	—	0,27	—	—	—	—	—	—	0,27	—	—	0,27
1981	0,27	—	—	0,30	—	—	0,31	—	—	—	—	—	0,29
1982	—	—	0,27	—	—	0,26	—	—	—	—	0,24	—	0,26
1983	—	0,23	—	—	0,21	—	—	—	0,19	0,18	—	—	0,20
1984	—	—	0,19	—	—	—	0,16	—	0,15	—	—	0,17	0,17
1985	—	—	0,15	—	—	—	0,16	—	0,17	0,17	0,17	0,18	0,17
1986	—	—	—	—	—	0,17	—	—	—	—	—	—	0,17
1987	0,24	—	—	0,24	0,26	—	—	—	—	0,22	0,21	—	0,23
1988	0,19	0,18	0,19	0,19	0,19	0,19	0,21	0,21	0,21	0,22	0,22	0,21	0,20
1989	0,20	0,21	0,21	0,21	0,21	0,22	0,21	0,23	0,23	0,23	0,24	0,23	0,22
1990	0,28	0,30	0,31	0,26	0,28	0,26	0,23	0,24	0,20	0,19	0,18	0,19	0,23
1991	0,17	0,18	0,20	0,20	0,21	0,21	0,22	0,21	0,23	0,20	0,22	0,18	0,19
Média	0,23	0,22	0,22	0,24	0,27	0,22	0,21	0,22	0,20	0,21	0,19	0,19	0,22
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18	0,18

Fonte: Divisão Agrotécnica/Comercialização
Elaboração: Economia Rural

Os produtores de leite, a exemplo dos suinocultores e pecuaristas, não ficaram com boas lembranças de 1992, um ano em que a economia do país perdeu o rumo. Os preços pagos mês a mês aos produtores foram os piores já registrados nos últimos anos, exceção feita apenas aos anos de 1984, 1985 e 1986. Nestes três anos, o preço médio pago pelo litro do leite fechou em 0,17 cents de dólar. A reação aconteceu já em 1987, quando fechou o ano com uma média de 0,23 cents de dólar. Sofreu uma recaída em 1988 e 1989, mas voltou a atingir os 0,23 cents de dólar em 1990. Em 1991 a média desceu para 0,19 cents de dólar e em 1992 caiu para 0,22 cents. O pior mês foi o de setembro, quando o preço caiu para 0,16 cents o litro. Em maio, bem no período da entressafra e formação de cotas, o preço pago pelo litro de leite fechou em 0,21 cents de dólar.

QUANTO VALE O SEU PRODUTO

Produto	Base de Comparação	Média dos últimos 11 anos	Jan.	Fev.
Feijão	Quanto sacos são necessários para adquirir:			
	* 1 tonelada de calcário	0,4	0,9	0,9
	* 1 ton de Super Fosfato Simples	4,7	—	—
	* 1 t de adubo (1)	12,6	10,0	10,0
	* 1 t de uréia (1)	15,1	12,3	11,15
Milho	Quanto sacos são necessários para adquirir:			
	* 1 automotriz	7.354,0	9.500	9.964
	* 1 trator médio	3.740,0	5.978	6.864
	* 1 ton de uréia	45,9	35,0	36,7
	* 1 ton Super Fosfato Triplo	26,8	33,5	35,0
	* 1 ton de calcário	2,9	2,5	2,8
	* 1 saca de soja	1,7	1,7	1,9
	* 1 ton de adubo	32,4	28,5	30,1
	* 100 litros de óleo diesel	4,1	4,5	5,0
	* 20 Kg de semente (1)	6,7	—	—
	* 01 litro de herbicida	—	0,9	1,0
Soja	Quanto sacos são necessários para adquirir:			
	* 1 automotriz	4.364,0	5.397	5.289
	* 1 trator médio	2.292,0	3.397	3.633
	* 1 t de calcário	1,4	1,4	1,5
	* 1 ton Super Fosfato Triplo (1)	24,1	19,0	18,3
	* 50 Kg de semente	1,2	—	—
	* 100 litros de óleo diesel	2,5	2,6	2,7
	* 1 ton de adubo	19,4	15,7	15,5
	* Para adquirir 01 litro de herbicida	—	2,6	2,7
Trigo	Quanto sacos são necessários para adquirir:			
	* 1 automotriz	5.149,0	8.473	7.852
	* 1 trator médio	2.865,0	5.331	5.393
	* 1 ton de uréia	22,0	31,2	27,0
	* 1 ton de calcário	1,7	2,2	2,2
	* 100 litros de diesel	2,5	4,0	4,0
	* 1 t de adubo	21,0	25,4	21,3
	* 1 litro de fungicida	—	5,7	5,5
Leite	Quanto litros são necessários para adquirir:			
	* 1 saca de milho	30,1	37,3	31,7
	* 1 saca de soja	50,3	63,3	59,3
	* 1 Kg de bovino	3,1	3,7	3,4
	* 1 ton de uréia	1.382	1.400	1.211
	* 1 t de Super Fosfato Triplo (1)	2.267,0	1.340	1.111
	* 100 litros de óleo diesel	119,0	180	171
	* 1 Ordenhadeira	8.583,0	—	8.500
	* 1 Resfriador	4.108	—	4.550
	* 1 Kg de farelo soja	1,1	1,4	1,4
Suínos	Quanto se adquire €/1 Kg de suíno			
	* Kg de milho	6,8	7,3	7,7
	* Kg de soja	4,7	4,3	4,1
	* Litros de leite	3,8	4,5	5,3
	* Kg de bovinos	1,0	1,2	1,3
	* Kg de concentrado	2,7	2,4	2,9
	* Kg de ração de crescimento	3,7	3,8	4,6
	* Kg de ração terminação	4,0	4,0	4,9
	* Kg de farelo de soja (1)	2,9	3,5	3,1

FONTE: Divisão Agrotécnica - Economia Rural
(1) MÉDIA DE UM ANO

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

1 - SOJA US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	10,71	10,35	10,57	10,68	11,89	10,76	10,53	11,04	11,27	11,37	11,02	11,15
1992	10,11	9,50	9,24	8,72	9,12	10,10	9,79	10,19	11,58	11,31	10,90	11,58
1993	11,27	11,10	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

2 - MILHO US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	6,60	6,23	6,16	6,27	6,33	6,18	6,23	6,24	6,50	6,68	6,95	6,71
1992	5,62	4,72	4,23	—	5,43	5,43	5,84	5,95	6,43	6,17	6,70	6,28
1993	6,64	5,94	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

3 - TRIGO US\$/Saca

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	10,80	10,01	—	12,10	12,08	11,85	12,06	10,95	11,54	11,43	11,25	11,11
1992	—	—	7,97	7,88	8,04	8,07	9,55	8,14	8,10	8,13	8,11	8,68
1993	7,98	8,07	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

4 - SUÍNOS US\$/KG

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	0,70	0,73	0,77	0,72	0,75	0,81	0,73	0,72	0,70	0,71	0,66	0,71
1992	0,54	0,58	0,53	0,52	0,51	0,56	0,55	0,57	0,60	0,59	0,59	0,82
1993	0,81	0,76	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

5 - BOVINOS US\$/KG

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	0,66	0,61	0,61	0,59	0,60	0,64	0,70	0,75	0,76	0,75	0,67	0,74
1992	0,57	0,51	0,46	0,47	0,60	0,56	0,79	—	0,79	0,66	0,61	0,74
1993	0,66	0,69	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

6 - LEITE US\$/LITRO (1)

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Média												
13 anos	0,23	0,22	0,22	0,24	0,27	0,22	0,21	0,22	0,20	0,21	0,19	0,19
1992	0,18	0,18	0,19	0,18	0,21	0,20	0,18	0,17	0,16	0,18	0,18	0,18
1993	0,18	0,18	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

* Preço e dólar médio do mês

(1) Não está incluído o leite extra cota

FONTE: DIVISÃO AGROTÉCNICA/COMERCIALIZAÇÃO
ELABORAÇÃO: ECONOMIA RURAL



Lucratividade x rendimentos

Existem, hoje, duas formas de melhorar o lucro na propriedade agrícola. Uma delas está relacionada com as condições externa da economia e envolvem preços e demanda. A outra, que fica do lado de dentro da porteira, envolve as tomadas de decisões do produtor no sentido de tornar sua atividade mais eficiente através de melhores índices de rendimentos, redução de custos e, conseqüentemente, maior lucratividade.

O próprio agricultor já vem sentindo na pele a necessidade de mudanças, especialmente no que diz respeito a profissionalização. Hoje, mais do que nunca, lucratividade é sinônimo de rendimentos. Aliás, esta é uma receita que vale para qualquer atividade e, ao contrário do que muitos produtores ainda pensam e insistem em praticar, não são apenas os preços e os volumes de produção que vão cobrir os custos de produção e fazer a receita da propriedade, mas também os rendimentos alcançados. Dentro desta nova visão de gerenciamento que se impõe até como forma do produtor fazer parte de um mercado cada dia mais competitivo, não é mais possível ignorar a necessidade de um planejamento. Ao largar uma máquina na lavoura, por exemplo, ele já tem que ter projetado o quanto terá de produzir para pagar a operação que está sendo realizada.

A questão da eficiência na propriedade agrícola, da lucratividade x rendimentos, foi, inclusive, tema de um ciclo de debates envolvendo os novos representantes da Cotrijuí, realizado em agosto do ano passado. Dois pesquisadores da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Difusão de Tecnologia de Santa Catarina, Élio Holz e Daltro Soldatelli, vieram a Ijuí para falar da importância do gerenciamento nas propriedades agrícolas. Ao alertá-los sobre a questão da lucratividade, Daltro Soldatelli disse que o lucro da propriedade agrícola depende não apenas do volume produzido e de seu preço de venda, "mas também dos rendimentos obtidos". Observou que o rendimento é um fator controlável e que pode ser aumentado através do uso de tecnologias apropriadas. Pediu aos produtores para não pouparem em custos variáveis - insumos, combustíveis, conservação e reparos, Proagro, entre outros, pois estes, quando bem aplicados, sempre resultarão em melhores rendimentos, seja na atividade agrícola ou pecuária.

Os dois pesquisadores não vêm outra saída para elevar os níveis de lucratividade que não passe pelo aumento de rendimentos, já que o produtor exerce pouca influência na formação dos preços. O produtor precisa buscar rendimentos de produtividade que proporcionem rentabilidade", insistiu Soldatelli.

CUSTOS SOB CONTROLE - O planejamento e o gerenciamento da atividade agrícola obrigam o produtor a andar mais atento às variações externas que ocorrem a nível de economia e que podem influenciar nos resultados finais. Afora a questão da necessidade de se manterem informados, os produtores precisam trazer seus custos de produção sob controle. Plantar ou produzir leite, por exemplo, não significa apenas largar a semente na terra



Trigo
Na lavoura, os
custos sob controle

ou simplesmente ordenhar uma vaca. É um processo bem mais elaborado e da sua realização com profissionalismo, vai depender o resultado final.

Como o controle de custos de produção é hoje preocupação de uma fatia considerável de produtores, o Luís Juliani, do Setor de Economia Rural/Divisão Agrotécnica da Cotrijuí elaborou um trabalho para ser utilizado como referência dos custos de produção da próxima lavoura de inverno. Estão incluídos nos custos os gastos com insumos, combustíveis, conservação e reparos, Proagro, despesas financeiras, entre outros.

A soma destes itens fez com que o Juliani chegasse a um custo desembolsado de 7,13 dólares por saco. Não estão incluídos no trabalho os custos não desembolsados - depreciação, mão-de-obra, remuneração da terra e custo de oportunidade. Mas se for considerado o preço médio do trigo praticado no ano passado - de 8,26 dólares o saco -, o produtor terá, de sobra, 1,13 dólares por saco colhido para cobrir as outras despesas - depreciação, mão-de-obra, remuneração da terra e custo de oportunidade - desde que, seja considerada uma produtividade média de 35 sacos de trigo por hectare.

A tabela ao lado - Custos das Operações em dólar - mostra o quanto um produtor poderá gastar em cada operação a ser realizada no plantio da próxima lavoura de inverno.

CUSTOS DAS DAS OPERAÇÕES EM US\$

Máquina/Equipamento	Custo/hora	ha/hora	Custo/ha
Trator 62 CV	7,44	0,00	0,00
Trator 77 CV	8,12	0,00	0,00
Trator 82 CV	9,50	0,00	0,00
Trator 95 CV	10,84	0,00	0,00
Trator 110 CV	12,82	0,00	0,00
Trator 110 CV	14,50	0,00	0,00
Automotriz 100 CV	42,67	0,90	47,41
Automotriz 123 CV	46,17	0,90	51,30
Arado 3 discos	10,09	0,48	21,02
Arado 4 discos	10,39	0,48	21,65
Grade aradora 18 discos	11,04	1,06	10,42
Grade aradora 22 discos	11,21	1,06	10,58
Grade niveladora 32 discos	10,34	1,59	6,50
Grade niveladora 36 discos	10,70	1,59	6,73
Subsolador P 5 pés	10,71	0,76	14,09
Subsolador T 5 braços	9,68	0,32	30,25
Semeadeira adubadeira 13 L	11,73	1,77	6,63
Semeadeira adubadeira 15 L	11,99	1,77	6,77
Plantadeira D 5 sulcos	12,35	0,93	13,28
Plantadeira D 6 sulcos	12,69	0,93	13,65
Distribuidor calcário 1 T	10,27	0,93	11,04
Distribuidor calcário 5 T	10,57	1,55	6,82
Terraceador 3 estria 20	9,69	0,37	26,19
Terraceador base larga	10,29	0,22	46,77
Capinadeira mecânica 6 Pés	9,54	1,24	7,69
Pulverizador Jacto 600 L	11,29	1,64	6,88
Pulverizador Jacto 2000 L	12,62	1,64	7,70
Atomizador Jacto 400 L	10,75	1,64	6,55
Carreta agrícola 6 T	9,95	1,33	7,48
Ensiladeira	12,64	0,15	84,27

US\$ médio do mês

Fonte: Divisão Agrotécnica

PREÇOS MÍNIMOS - SAFRA 1991/1992 - EM Cr\$

Produto	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Arroz	9,823,00	12,326,00	15,240,50	19,240,50	23,296,00	27,911,00	33,786,50	41,790,00	51,493,50	64,562,50	80,748,00	99,554,50
Irrigado	—	—	—	—	—	—	22,820,60	36,884,40	45,448,80	56,983,80	71,269,20	87,868,20
Sequeiro	6,624,40	8,187,00	10,284,00	12,780,00	15,473,40	18,538,80	22,441,80	27,757,80	32,491,90	42,883,80	50,952,00	62,818,20
Milho	7,975,20	10,007,40	12,570,00	15,621,00	18,913,80	22,660,20	27,430,00	33,928,20	41,806,20	52,416,60	65,557,20	80,825,40
Soja	27,205,80	34,138,20	42,880,80	53,288,40	64,521,60	77,303,40	93,576,00	115,744,20	142,660,00	160,933,00	201,269,20	248,157,50
Feijão	7,393,80	9,277,80	14,067,60	17,481,60	21,166,80	25,360,20	30,698,40	37,971,00	46,787,40	58,662,00	73,368,60	90,456,60
Trigo	—	—	—	15,733,20	19,050,00	19,050,00	27,628,20	34,173,00	—	—	—	—
Triticale	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Fonte: CONAB

PREÇOS MÍNIMOS - SAFRA 1992/1993 - EM Cr\$

Produto	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
Arroz	123,397,9	187,703,40	237,257,20	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Irrigado	90,760,5	138,057,60	174,504,60	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Sequeiro	77,863,8	98,700,60	124,756,80	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Milho	100,183,5	126,993,00	160,518,60	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Soja	307,591,2	389,902,80	492,837,40	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Feijão	112,121,1	142,125,00	179,645,40 (1)	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Trigo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Triticale	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—

Fonte: CONAB/COTRIJUI

(1) - Preço médio comercializado

Os VBCs para o trigo

Os novos Valores Básicos de Custeio para a cultura do trigo já foram anunciados pelo governo. Os valores foram estipulados em UREF - Unidade de Referência de Financiamentos, que também corrigem mensalmente os preços mínimos dos produtos agrícolas. No mês de março, uma UREF correspondia a Cr\$ 4.731,13 e em abril, ela equivale a Cr\$ 5.952,23.

Para efeito de VBC, os produtores, a exemplo do que já vinha ocorrendo em anos anteriores, estão sendo classificados em dois níveis - 1 e 2. Fazem parte da categoria Nível 1 todos os minis e pequenos produtores. Ao tomarem financiamento do governo para plantar trigo, esses produtores deverão observar as recomendações da Comissão Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo. Não são obrigados, no entanto, a fazer tratamento da parte aérea da planta, diversificação de cultivares e escalonamento de semeaduras. Mas não ficam livres da obrigatoriedade do tratamento de sementes nem da prática de rotação de culturas ou pousio. No Nível 2 estão enquadrados produtores de qualquer porte. Estes são obrigados a adotar integralmente as recomendações da Comissão Sul Brasileira de Pesquisa do Trigo e a seguir as recomendações sobre diversificação de cultivares e escalonamento de semeaduras. São, ainda, obrigados a apresentarem prévia comprovação da existência ou disponibilidade de infraestrutura necessária e suficiente para a implantação e condução da cultura. São observações que devem aparecer no projeto técnico apresentado. OS NÍVEIS - Os produtores classificados do Nível 1 terão direito a 458.820 UREF e os do Nível 2 a 875.947 UREF. Os minis e pequenos produtores

que apresentarem produtividade entre 1.100 a 1.500 quilos por hectare, terão direito a VBC integral, ou seja, a 458.820 UREF para plantar um hectare de trigo. Se comprovarem uma média de produtividade superior a 1.500 quilos até 1.800 quilos, terão direito a 90 por cento do valor integral - 875.947 UREF. Os demais - médios e grandes - que comprovarem esta mesma produtividade, a 80 por cento do VBC. Quando a média de produtividade for superior a 1.801 até 2.100 quilos por hectare, os minis e pequenos terão direito a 100 por cento do custeio e os médios e grandes a 90 por cento. Para médias de produtividade acima de 2.100 quilos, tanto os minis, como os pequenos e grandes produtores terão direito a custeio integral, dentro de seus Níveis de classificação.

Os recursos para o plantio serão liberados parceladamente. Para os produtores

do Nível 1, a primeira parcela corresponde a liberação de 321.180 UREF; a segunda a 91.766 e a terceira a 45.883 UREF. Os produtores classificados no Nível 2 vão receber os recursos oficiais da seguinte forma: 481.771 UREF na primeira parcela; 306.581 na segunda parcela e 87.595 UREF na terceira parcela.

A classificação do produtor - mini, pequeno, médio e grande - leva em conta uma previsão de renda bruta na agropecuária para o período de 12 meses, tendo por base o preço mínimo dos produtos ou dos preços praticados pelo mercado. Serão classificados como minis aqueles produtores que apresentarem uma renda bruta equivalente até 25 mil UREF; como pequenos, aqueles com renda bruta projetada para até 75 mil UREF e grandes aqueles com renda bruta superior a 75 mil UREF.

TABELA II
VALOR BÁSICO DE CUSTEIO - SAFRA 1993

LIMITES DE FINANCIAMENTO

Classe de produtor		
Cultura/faixa de produtividade (Kg/ha)	Mini/pequeno	Demais
TRIGO		
NÍVEL 1		
Produtividade de referência	100%	
NÍVEL 2		
De 1.501 a 1.800	90%	80%
De 1.801 a 2.100	100%	90%
Acima de 2.100	100%	100%
NÍVEL 3		
De 2.501 a 3.000	100%	90%
Acima de 3.000	100%	100%
CEVADA		
De 1.400 a 1.800	80%	70%
De 1.800 a 2.200	100%	90%
Acima de 2.200	100%	100%

CEREAIS DE INVERNO - SAFRA 1993
VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (VBC) E CALENDÁRIO DE LIBERAÇÕES

TABELA 1									
TRIGO E TRITICALE									
Produto De abrangência	Nível de referência	Valor Básico de Custeio (VBC)		Liberações					
		Cr\$/ha 01/Mar/93	UREF/ha	1ª		2ª		3ª	
				UREF/ha	A partir de	UREF/ha	A partir de	UREF/ha	A partir de
Estados: PR, SP, MS, MG, GO, MT, BA e DF. Estados: RS e SC	1	2.110.180,00	458,829	321,180	Mar	81,788	Mai	45,883	Jul
	2	4.144.218,00	875,947	481,771	Mar	306,581	Mai	87,585	Jul
	1	2.170.780,00	458,828	321,180	Abr	81,768	Jul	45,883	Set
	2	4.144.219,00	875,947	451,771	Abr	308,581	Jul	87,585	Set
TRITICALE									
Estados: PR, SP, MS, MG, GO, MT, BA e DF. Estados: RS e SC	1	1.953.702,00	412,946	288,082	Mar	82,589	Mai	41,295	Jul
	2	3.729.797,00	783,352	433,594	Mar	275,823	Mai	78,835	Jul
	1	1.853.702,00	412,848	288,082	Abr	82,589	Jul	41,295	Set
	2	3.729.797,00	788,352	433,594	Abr	275,823	Jul	78,835	Set

(1) Quanto à época da liberação, observar o calendário relativo ao grão comum.

AJURICABA

O feno na alimentação do gado de leite

O plantio de grandes áreas com aveia preta e a ressemeadura natural do azevém foram decisivos para que alguns produtores de leite de Ajuricaba passassem a pensar no feno como uma alternativa de alimento para os animais. De saída, a idéia esbarrou na falta de máquinas enfardadeiras. "Existia uma enfardadeira, que vinha de fora do município, para prestar serviços aos produtores de Ajuricaba", lembra o engenheiro agrônomo do departamento técnico da Unidade, Elton Martin Lohmann.

A falta de enfardadeiras não desencorajou, no entanto, um grupo de produtores interessados. Na primeira reunião marcada para discutir o assunto e buscar alternativas, apareceram 24 produtores. A idéia era formar um grupo para adquirir uma enfardadeira. Como o número de produtores era grande, optaram por formar três grupos diferentes e, com a ajuda da Cooperativa de Crédito Rural de Ajuricaba, a Crediaju, os produtores adquiriram três enfardadeiras. Atualmente já existem cinco enfardadeiras no

município, "o que pode ser considerado como um grande avanço, já que até algum tempo atrás não existia nenhuma máquina.

Os produtores só começaram a operar com as máquinas em outubro do ano passado, "mas mesmo assim, foi possível produzir um volume significativo de feno", observa Elton desta-

cando a decisão dos produtores das Linhas 28, 29 e 30. Esta atitude tomada por este grupo está fazendo com que o feno passe a integrar os planos de muitos produtores de leite de Ajuricaba, "o que nos faz concluir que



Produtores da Linha 30, Ajuricaba. Produção de feno no esquema de alimentação



Em Ajuricaba, a primeira enfardadeira chegou em outubro do ano passado... mas hoje elas já totalizam cinco. Na foto, produtores da Linha 30 durante o processo de produção do feno

nos próximos anos novos grupos de enfardadeiras deverão ser formados no município", acredita Elton, certo de que hoje, mais do que nunca, o produtor está entendendo e se convencendo de que o lucro da atividade depende de escalas de produção. E isso o produtor só vai conseguir se mantiver o rebanho bem alimentado, mesmo nas épocas em que as pastagens rareiam.

A produção de feno possibilita que as forragens, que são abundantes em determinadas épocas do ano, possam ser conservadas, seja sob a forma de feno ou de silagem, para serem utilizadas nos meses de escassez. "O produtor de leite que já vem utilizando feno ou silagem na alimentação dos animais, sabe o quanto é importante possuir reservas de alimentos na propriedade. As reservas não só auxiliam na formação de cotas, como ajudam a reduzir a estacionalidade da produção de leite, ainda hoje muito acentuada na região, diz o Elton.

INSEMINAÇÃO ARTIFICIAL

Cel. Barros oficializa convênio

Durante as comemorações do 1º aniversário, Cel. Barros formaliza convênio para inseminação artificial e apresenta unidade da Cotrijuí que está sendo construída no município

Tornar acessível aos pequenos e médios produtores do município um aprimoramento genético de seus rebanhos de bovinos de leite e de suínos, de forma a incrementar a produção primária do município e conseqüentemente, o mesmo ter um retorno maior de impostos. Esse é o principal objetivo do convênio firmado entre a Cotrijuí, Prefeitura Municipal de Coronel Barros e Associação de Inseminadores Pioneira, oficializado no dia 19 de março, durante as comemorações de aniversário do 1º ano de emancipação política do município. No mesmo dia também foram inauguradas a Agência Satélite dos Correios e Telégrafos, as novas instalações da CRT e realizada uma visita às obras da Unidade da Cotrijuí.

Em solenidade ocorrida nas dependências do novo prédio da Prefeitura, a assinatura do convênio contou com a participação do prefeito Olivar Scherer, do superintendente da Cotrijuí Pioneira, Celso Bolivar Sperotto e lideranças estaduais e municipais.

"Para a Cotrijuí, esta nova parceria é muito importante, na medida em que o poder público está efetivando ações concretas e objetivas com o meio rural, o setor básico da economia de todos os municípios de sua área de atuação", afirmou o gerente de produção agropecuária da Cotrijuí, o médico veterinário Otalíz de Vargas Montardo.



Parceria
Olivar Scherer e Celso Sperotto oficializam convênio

A manifestação do gerente é traduzida por uma perspectiva de melhores resultados na produção, apoiada num tipo de parceria que já se expandiu pela região. Como em outros municípios, a Cotrijuí está participando com o fornecimento de equipamentos, sêmen de alto padrão genético e assistência técnica aos produtores, enquanto a prefeitura cobre os custos de 100 por cento do material nacional e 80 por cento do importado, restando ao produtor apenas o custo da mão-de-obra e do transporte.

APRIMORAMENTO - Da mesma forma que o gerente da Cotrijuí, também o prefeito Olivar Scherer manifestou a sua satisfação pela realização de um trabalho integrado entre as três entidades. "O convênio para a inseminação do gado leiteiro e para o rebanho suíno vão contribuir para o aprimoramento da linhagem do gado e qualificação da suinocultura", salientou o prefeito, certo de que esta ação vai somar para que Coronel Barros recupere o seu lugar de destaque nas duas atividades.

O prefeito Olivar Scherer destacou ainda na sua manifestação a iniciativa da Cotrijuí em construir uma unidade da cooperativa no município. "É a primeira obra de porte e certamente deverá oportunizar melhores condições ao nosso agricultor", disse o prefeito referindo à unidade que já em abril começa a realizar serviço de recebimento da safra. A unidade está localizada no prolongamento da rua da Imigração e inclui no seu projeto uma moega dupla com capacidade para 250 toneladas, a instalação de um conjunto de máquinas de limpeza, três silos metálicos com aeração, com capacidade para 4 mil e 900 toneladas, um silo de expedição para 120 toneladas e uma balança rodoviária para 80 toneladas. Além disso, está previsto a construção de um armazém de ensacados com capacidade de 40 toneladas e a área do escritório.



Unidade da Cotrijuí
Primeira obra de porte no município

A relação dos postos

A inseminação artificial está mais perto da propriedade. Existem atualmente, 28 postos na área da Cotrijuí, sendo 19 no interior dos municípios e 9 nas sedes das Unidades

A inseminação artificial, além de mais perto da propriedade, em alguns casos, também está com um custo menor em razão de convênios assinados entre a Cotrijuí e prefeituras municipais. Pelos convênios, as prefeituras de Ijuí, Jóia, Augusto Pestana, Ajuricaba, coronel Barros, Tenente Portela, Santo Augusto e Vista Gaúcha cobrem os custos com sêmen - ou parte deles - e os produtores a quilometragem e a mão-de-obra. Existem hoje, 19 postos de inseminação no interior dos municípios que formam a área de atuação da Cotrijuí na região e 9 postos nas sedes dos municípios. Abaixo a relação dos locais onde o produtor de leite pode solicitar o serviço de inseminação artificial e dos inseminadores credenciados pela Associação de Inseminadores Artificiais da região.

* Ijuí

- Sede - Pedro L. Lena e Cláudio de O. Paz
- Colônia Santo Antônio - Jece-ma Schiavo
- Vila Mauá - Arno Deckert
- Rincão do Tigre - Orlando Becker
- Vila Salto - Marcos A. Bigolin.
- Linha 6 Norte - Jair A. da Rosa
- Linha 13 Leste - Mogens Nielsen

* Tenente Portela

- Sede - Sérgio Didoné
- Santa Fé - Albídio Weber
- Nossa Senhora da Saúde - Joceli Dallabrida
- São Pedro - Leomar Ludke
- * Jóia
- Sede - Alcione Netto
- Esquina Santo Antônio - Ivan Andreatta

* São Pedro - Paulo César Burtet

- * Ajuricaba
- Sede - Osvaldo Barbosa
- Formigueiro - Gilmar Patz
- Linha 23 - Celso Luiz Calgaro
- * Augusto Pestana
- Sede - Almiro Gerke
- * Coronel Bicaco
- Sede - Mauro Dornelles
- * Santo Augusto
- Sede - Osvaldir Andrighetto
- * São Valério
- Irani Pinheiro
- * São Martinho
- Oldemar Weiller
- * Chiapetta
- Sede - Ênio Einlof Scholz
- * Miraguaí
- Luciano Pierin
- * Vista Gaúcha
- Alzemir Crespan
- * Coronel Barros
- Jorge A. de Paula da Cruz
- * Catuípe
- Associação Comunitária Santa Tereza - Sidney Agostini

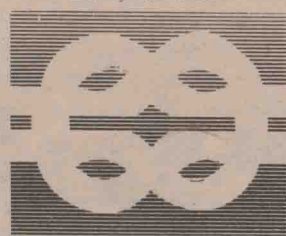
Sr. Produtor!

As lojas Cotrijuí estão colocando à sua disposição correias, graxas, óleos e toda a linha de peças agrícolas indispensável para seu maquinário nesta colheita.

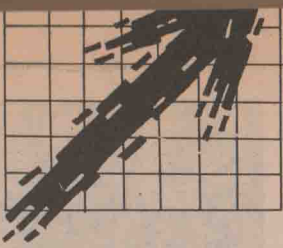
Nas Lojas Cotrijuí o Sr. ainda encontra classificadores de cereais, espalhadores de calcário e produtos com a marca Cotrijuí.

Tudo com bons preços e condições de pagamento
DURANTE A SAFRA HAVERÁ PLANTÃO
Fale conosco!

LOJAS



COTRIJUI



ARGEMIRO LUÍS BRUM

Milho: aumentam estoques

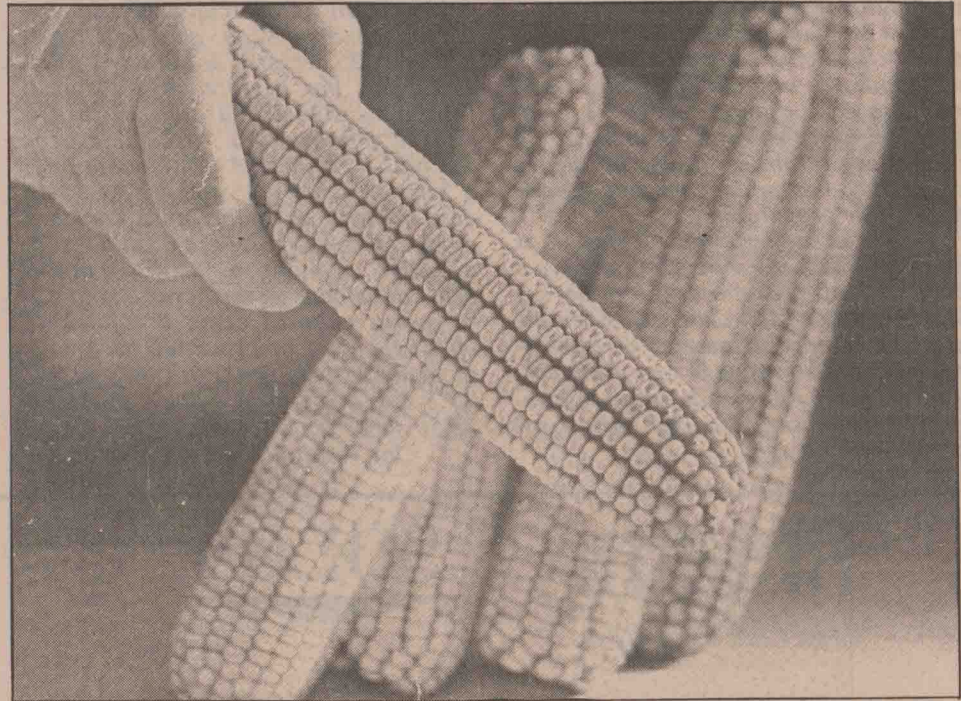
A produção mundial de milho cresceu em 30 por cento de um ano para outro, pulando de 78,71 para 102,59 milhões de toneladas, produzidas no ano passado. Esse é o maior aumento nos estoques mundiais de grãos para uma demanda que não evoluiu. Em resumo, o mercado mundial de milho está excedentário

A produção brasileira de milho deverá ficar em torno de 27 milhões de toneladas neste ano comercial de 1992/1993, para um consumo praticamente idêntico. Somos o terceiro maior produtor mundial deste cereal, atrás apenas dos Estados Unidos e da China. Por sua vez, a produção mundial deverá alcançar 526 milhões de toneladas, ou seja, 8,6 por cento acima da safra do ano anterior. Enquanto isso, os estoques finais mundiais deverão alcançar 102,59 milhões de toneladas contra 78,71 milhões de toneladas produzidas no ano passado. Isto representa um aumento impressionante de 30,3 por cento. É o maior aumento nos estoques finais entre todos os principais grãos produzidos no mundo.

Na verdade, o mercado sofre a pressão da excelente safra dos Estados Unidos. A mesma atingiu a 240,76 milhões de toneladas, representando 27 por cento acima das 189,83 milhões de toneladas em 1991. O rendimento médio do milho norte-americano atingiu 8.246 quilos por hectare - em alguns estados como Iowa, Illinois, Indiana e Kansas, a produtividade média fica entre 9.300 e 9.400 quilos por hectare - batendo o recorde que era de 7.520 quilos por hectare colhido na safra de 1987.

Por outro lado, a demanda não acompanhará este aumento na oferta. De fato, embora a seca tenha atingido novamente o sul da África, os estragos neste ano não serão tão importantes como o foram no ano passado. Assim, as importações da África do Sul existirão, porém, em volumes menores do que os adquiridos em 1991/1992 - a produção deste país deverá alcançar 8 milhões de toneladas contra 3 milhões de toneladas colhidas no ano passado. Ao mesmo tempo, as compras por parte da ex-URSS, até o momento em que escrevamos este artigo - meados de março - continuavam dependendo de um acordo com os Estados Unidos. Sem este acordo, não há dinheiro para comprar grãos, dentre eles o milho, fato que pesa sobre o mercado mundial. Assim, as estimativas internacionais indicam que hoje a Comunidade dos Estados Independentes - CEI - deverá importar 7,3 milhões de toneladas em 1992/93 - sendo que 5,5 milhões de toneladas deverão ser importadas pela Rússia -, contra 11,8 milhões de toneladas adquiridas por esta região em 1991/1992. Em outras palavras, o mercado da ex-Rússia irá reduzir suas importações de milho em mais de 38 por cento neste ano.

Ora, como os Estados Unidos são o grande fornecedor do produto aos



Milho
A produção brasileira deverá ficar em torno de 27 milhões de toneladas

soviéticos, - 5,3 milhões de toneladas previstos para o atual ano comercial, ou seja, quase 73 por cento do total a ser importado pela CEI -, nada mais lógico que a conjugação da forte produção norte-americana com a redução nas importações da ex-URSS provoque uma queda sensível nas cotações do milho na Bolsa de Chicago. De fato, no dia 18 de março passado, o bushel de milho, na referida Bolsa, valia 2,19 dólares contra mais de 3 dólares do ano passado, registrado nesta mesma época do ano.

No mercado brasileiro, no mesmo dia, Bolsa de São Paulo indicava que o saco de milho CIF Rio Grande do Sul valia, em média, o equivalente a 6,32 dólares. Já no Paraná, o produto FOB valia, em média, 5,75 dólares o saco - no final de fevereiro ele situava-se entre 5,15 e 5,50 dólares por saco, sendo o nível mais baixo dos últimos três anos. Por sua vez, no mercado argentino, a tonelada de milho, após ter atingido 118 dólares em dezembro de 1992, estava sendo cotado, na primeira semana de março deste ano, em 84 dólares - preço FOB - para embarque em abril e maio. A Argentina deverá colher 11,7 milhões de toneladas de milho, das quais 5,7 milhões de toneladas irão para a exportação.

Se levarmos esta análise um pouco mais longe, tomando como exemplo o comportamento do mercado do milho no estado de São Paulo - segundo

dados publicados Esalq - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queirós - em seu boletim Preços Agrícolas de março de 1993 - verificamos que em termos reais, isto é, colocando os preços para os níveis de março de 1993 - eliminando, portanto, a inflação do cálculo -, a média de preços do saco de milho passa de Cr\$ 216.574,56 na década de 70 para Cr\$ 199.704,33 na década de 80 e Cr\$ 119.412,44 nos primeiros três anos da década de 90. Em outras palavras, os preços reais do saco de milho no Brasil vêm caindo paulatinamente. Isto é comprovado pelo que se viu nestes últimos 10 anos. Enquanto a média do preço real ficou em Cr\$ 161.772,61 por saco entre 1984-1993, a média dos últimos 12

meses - março/92 a fevereiro/93 - ficou em Cr\$ 115.113,94 por saco - embora, nos dois primeiros meses de 1993, registre-se uma recuperação, pois a média do período indica um valor real de Cr\$ 124.445,89 por saco.

Em dólares - pelo câmbio comercial - esta relação se altera como observamos na tabela 1, onde mostra que a média de preço nos últimos 10 anos atingiu 6,55 dólares por saco. Na relação de troca com outras mercadorias - tabela 2 -, verificamos que em fevereiro se comprova menos óleo diesel do que a média dos últimos 12 meses e a média dos últimos 10 meses e se precisava de mais produtos para comprar um trator. Entretanto, o milho acusava uma recuperação no seu poder de compra em relação aos insumos básicos como a uréia e o super-simples. Já em relação aos produtos pecuários, nota-se que o milho recuperou a sua competitividade em relação ao frango, ao leite C, ao leite B e a vaca gorda, porém, perde para o boi gordo, o garrote, o bezerro e o suíno - conforme tabela de número 3. Neste raciocínio, chama a atenção o caso do leite. Para comprar um saco de milho em fevereiro passado, o produtor paulista de leite C e B precisava dar, respectivamente, 42,60 litros e 34,33 litros. Isto significa 20 por cento e 44 por cento acima da média dos últimos 10 anos.

Percebemos assim que os preços do milho, apesar de um mercado excedentário, acabam sendo relativamente competitivos no mercado nacional. Pelo menos frente a alguns produtos e insumos! É de lamentar todavia que não tenhamos tradição de exportadores deste produto, fato que melhoraria a posição do cereal no confronto com outras culturas e poderia retirá-lo da situação de produto secundário frente a soja.

TABELA Nº 2 - Relação de troca do milho com alguns insumos no mercado de São Paulo

	Fev/93	Média1984-1993
Diesel - litros-saco	19,36	25,13
Trator MF 61 HP - mil sacos por unidade	4,86	2,70
Uréia - sacos/tonelada	35,82	40,31
Super-simples - sacos/tonelada	18,17	23,40

Fonte: O autor com base em dados publicados pelo Boletim Preços Agrícolas da Esalq/Piracicaba - São Paulo, março/93

TABELA Nº 3 - Relação de troca do milho e produtos pecuários - estado de São Paulo

	Fev/93	Média1984-1993
Boi gordo - sacos de 16,5 arrobas	55,19	54,49
Garrote - sacos/cabeça	29,34	26,80
Bezerro - saco/cabeça	21,52	18,59
Vaca gorda - saco/arroba	2,82	2,87
Suíno - saco/arroba	2,76	2,62
Frango - quilo/quilo	5,67	6,40
Leite C - litros/sacos	42,60	35,48
Leite B - litros/sacos	34,33	23,75

sc = saco de 60 quilos

Fonte: O autor, com base em dados do boletim Preços Agrícolas Esalq/Piracicaba-São Paulo, março/93

TABELA Nº 1 - Evolução dos preços médios reais do milho de São Paulo - em dólar comercial/saco

Década de 70	4,83
Década de 80	6,73
1990-1993	6,95
1984-1993	6,55
Últimos 12 meses	6,27
Em 1993 - primeiros dois meses	6,95

Fonte: O autor com base no boletim Preços Agrícolas da Esalq/Piracicaba-São Paulo, março/93

DIA DE CAMPO

Avaliando resultados

Nem que o milho empate com o rendimento da soja, ainda assim vale a pena plantar, pelo grande valor da rotação de culturas". A afirmação é do produtor Jorge Eickoff que junto com o pai Marlo recebeu um grande número de produtores e técnicos na sua propriedade em São João Mirim, Jóiá, para avaliação da lavoura experimental de milho. O dia de campo realizado no dia 23 de março foi coordenado pelo engenheiro agrônomo da unidade da Cotrijuí, Francisco Gonçalves e também contou com a participação dos representantes das seis empresas distribuidoras dos híbridos que fazem parte do ensaio de competição monitorado pela Cooperativa.

Dividido em três etapas, o encontro para demonstração de resultados em Jóiá, iniciou com apresentação da área demonstrativa, onde se destacou os seus objetivos e a importância do produto complementando a rotação de culturas no verão, que venha a diminuir os riscos de doenças na soja; como suporte alimentar básico para a suinocultura e a pecuária leiteira, enquanto silagem e ainda como um dos principais produtos da agroindústria.

Uma segunda etapa do dia de campo foi feita com avaliação sobre o plantio direto com a soja da variedade Cobb, plantada sobre aveia, trigo, triticale, sincho, colza e centeio. E para terminar, uma observação na área para a produção de sementes de soja com a variedade BR-16.

EVITANDO DOENÇAS - Trabalhando uma área de 600 hectares junto com o pai, Jorge se mostrou satisfeito com o experimento de milho, pois viu de perto os resultados obtidos pela cultura depois de um bom preparo do solo, adubação recomendada e um acompanhamento rígido das regras de plantio, onde é necessário uma densidade de 5,5 a 6,0 sementes por metro e um espaçamento de 0,90 centímetros por planta.

Estes cuidados vão influir na expansão de uma lavoura de milho na propriedade dos Eickoff, que neste ano totalizou cinco hectares e de onde foram colhidos 90 sacos por hectare. "Se não fosse a falta de chuva, colheríamos de 100 a 110 sacos por hectare", avalia o produtor, sem entretanto, se mostrar frustrado com a lavoura. "Estamos começando a incrementar o milho e esses canteiros devem servir muito às próximas lavouras", afirma o produtor preocupado em fazer da cultura um instrumento para cortar ou quebrar o ciclo das doenças na lavoura de soja. Esta estratégia começou a ser usada na safra 91/92, quando o milho foi colocado em áreas infestadas por nematóides e podridão parda da haste. Nes-

te ano, a soja desta área ficou livre das doenças e o produtor estima colher pelo menos cinco sacos a mais do que no restante da lavoura.

O mesmo tipo de experimento conduzido em Jóiá também foi realizado no distrito de Floresta em Ijuí, na propriedade do produtor Lirr Copetti, proprietário de 170 hectares. Há dois anos, o produtor vem emprestando a sua terra para essas demonstrações de resultados iniciado com o experimento de seis variedades de milho e complementado este ano com o cultivo de milho e soja sobre várias culturas de inverno. As duas áreas foram avaliadas no dia 12 de março, contando com um grande número de produtores.

A concentração dos experimentos na propriedade do seu Lirr - que devem continuar no próximo ano - se deve a localização de fácil acesso aos demais produtores, mas certamente ao interesse de um produtor que já tem plena certeza de que a rotação de culturas integrando o milho é essencial para a sobrevivência da soja.

Jóiá
Dia de campo
em três etapas



Não adianta nem mesmo pensar muito em preço, assegura seu Lirr, escaudado com a comercialização do produto no ano passado, quando chegou a plantar 25 hectares de milho e colheu 110 sacos por hectare, mas surpreso com a resistência da soja nestes 30 anos de monocultura. "Até que aguentou muito", brinca. A gente conta com a segurança de mercado trazida pela agroindústria da cooperativa, comenta ainda o produtor, embora na sua visão, o cultivo do milho se justifique muito pela capacidade de melhorar o solo para outras culturas como a soja. Este efeito ele está comprovando na lavoura ocupada pelo milho no ano passado e que agora deve render em torno de 50 sacos por hectare.

Um resultado desses merece ter



Lirr Copetti



Marlo Eickoff

continuidade, e por isso, o seu Lirr, aproveitando os resultados do experimento com as culturas de inverno, já tem planejado uma boa área de ervilhaca e sincho de inverno, que posteriormente vai ser ocupada com o milho no próximo verão.



SOLOS

Coordenação do eng. agr.

Rivaldo Dhein / CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí

A responsabilidade é de todos

Eugênio Zanetti Fernandes

Não há dúvidas de que a erosão do solo foi e continua sendo uma das principais causas da descapitalização da Agropecuária do nosso município. O êxodo rural vem engrossando anualmente os bolsões de miséria e de fome de grandes centros urbanos. Acredita-se que esse grave problema social, gerado pelo desemprego e pelo êxodo rural e de extrema complexidade, poderá não ter solução. Especialistas afirmam que no ano 2.000, 50 por cento das grandes cidades, inclusive Porto Alegre, serão habitadas por favelados.

A falta de uma política definida para o setor é outro fator que ajudou a criar essa dura realidade hoje vivenciada pelo homem do campo. Há anos atrás, o governo apresentou ao país uma política agrícola muito bem definida para a monocultura da soja. Entretanto, este grande projeto idealizado não contemplou as consequências negativas que poderiam causar ao meio ambiente. O desmatamento e mesmo os destocamentos eram financiados a juros subsidiados. Para as máquinas e insumos havia crédito facilitado ao alcance de todos. O agricultor embarcou numa canoa furada, embora nos primeiros anos, a soja fosse vendida a peso de ouro. Essa é uma situação vivenciada não apenas pelos agricultores da região, mas de todos os estados produtores de soja do país, afetando especialmente os pequenos e médios agricultores.

Em detrimento de todos estes fatores negativos é que nossas matas morreram. Hoje, praticamente não há mais vida em nossos rios. Suas

margens, estão quase desprovidas de matas ciliares. Nossos solos, a base da economia dos produtores e da maioria dos municípios gaúchos, perderam sua fertilidade natural e, já quase sem vida, não têm força para produzir. As águas dos nossos rios recebem constantemente resíduos tóxicos de diferentes indústrias e poluentes químicos, muitos deles oriundos da própria agropecuária. Enfim, nosso meio ambiente ecológico está comprometido e vem sendo agredido diariamente, isso sem falar na questão do assoreamento.

Diante dessa situação, não podemos permanecer alheios. Precisamos tomar atitudes coerentes e concretas, objetivando mudanças rápidas no setor, acima de tudo porque o meio ambiente natural é tão fundamental e vital para todos os habitantes, sejam eles rurais ou urbanos. Assim sendo, a Prefeitura Municipal de Ijuí, em parceria com a Cotrijuí, Emater, Ibama, Arfom e Aipan, entre outras entidades, integradas na idéia comum de realmente mudar o perfil econômico da região, está dando ênfase e priorizando o trabalho de microbacias hidrográficas. A própria coordenadoria municipal de agropecuária do município comunga das mesmas idéias, participando, inclusive, das reuniões realizadas no meio rural, objetivando conscientizar e motivar as famílias rurais em torno do assunto microbacias hidrográficas.

As três microbacias já iniciadas no município de Ijuí - Linha 8 Leste, Arroio Três Negrinhos e Rincão do Tigre - têm nos produtores envolvidos e beneficiados com o trabalho, os maiores entusiastas e defensores

da idéia. Entendem ser o trabalho de microbacias a melhor forma e solução possível encontrada no sentido de minimizar os graves problemas de erosão nas lavouras e de nossas estradas vicinais e municipais. A exemplo do estado do Paraná, o município de Ijuí poderá também resolver tais dificuldades reconstituindo seu ambiente ecológico e aumentando o potencial produtivo de nossos solos.

Em termos de retorno econômico, os mesmos são imediatos tanto para o produtor como também para os cofres públicos. Neste último caso, cabe lembrar que a Prefeitura Municipal necessita anualmente de grande soma de recursos para conservar os seus quase 12 mil quilômetros de estradas. E já está provado, especialmente em Ijuí, que nas áreas de microbacias as despesas reduziram em mais de 80 por cento. Por essa razão, a Prefeitura está envidando esforços no sentido de montar uma patrulha mecanizada, destinada especialmente para o trabalho de microbacias. Na realidade, isso seria de fundamental importância para o avanço nessa área com os poderes públicos.

O trabalho de microbacias hidrográficas é uma responsabilidade de todos. Tal consciência deve estar em primeiro plano na cabeça de nossos agricultores. A decisão deve ser fruto da união e integração dos próprios produtores.

Microbacias hidrográficas! Plante logo essa idéia fértil. Dela dependerá o futuro mais promissor da nossa agropecuária e das próximas gerações.

Eugênio Zanetti Fernandes é engenheiro agrônomo/Emater de Ijuí

EM TEMPO

Na edição passada publicamos as sugestões mais indicadas para a implantação de um pomar de pêssego, seja para produção de frutas de mesa como para produção em conserva. Duas dessas variedades trocaram de nome, pois passaram de linhagem para cultivar. A cascata 257 chama-se agora Sentinela e a Conserva 671 passa a ser denominada de Eldorado. Aproveitamos também para retificar a nomenclatura de algumas variedades publicadas com nome incorreto. Onde se lê Pizenier é Premier, Vilanqua é Vila Nova e Chiripá é Chiripá.

CCGL

A primeira reunião técnica do ano

A primeira reunião técnica da CCGL deste ano aconteceu em Ijuí, nas dependências da Afucotri, com a participação de representantes de 18 cooperativas da região. Coordenada pelo diretor técnico da CCGL, Ernesto Krug, a reunião começou avaliando o desempenho da produção leiteira em 1993, dentro do sistema CCGL. Nos meses de janeiro e fevereiro, comparado com o mesmo período do ano passado, a produção aumentou em 3,11 por cento.

O curso de Pecuária de Leite, realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, durante o ano passado, também passou pelo crivo dos participantes. 18 produtores estiveram no CTC participando do curso, para 200 vagas oferecidas pela CCGL. Krug solicitou maior empenho das cooperativas no preenchimento das vagas e avisou que, a partir deste ano, as vagas não preenchidas serão pagas da mesma forma. Em relação ao conteúdo do curso, apareceram duas sugestões. Uma delas para incluir no programa palestra sobre

criação coletiva de terneiras e visitas às propriedades de leite.

Em discussão também a proposta de criação de um banco de sêmen do sistema CCGL. Para estudar melhor o assunto - já existem várias propostas de fornecimento de sêmen, inclusive a de uma empresa canadense - foi formada uma comissão integrada por representantes das cooperativas Cotripal, de Palmeira das Missões, Cotrisoja, de Tapera; Cotrijuí; Cotribá, de Ibirubá; Cotrimaio, de Três de Maio e Languiru.

As discussões levantadas na Reunião da Comissão Estadual do Leite estiveram na pauta de discussão, até porque existem, hoje, algumas propostas em relação a produção de leite no Estado, a volta de planilha de custos do leite no Rio Grande do Sul, sob a orientação da Embrapa/CNPGL, a necessidade de implantação de programas de brucelose e tuberculose, pagamento do leite por qualidade, incentivo ao uso de inseminação artificial, entre outros assuntos.



UNIMED-IJUÍ

SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE UNIMED

Os associados da Cotrijuí, ainda não beneficiados e que desejarem participar do PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE UNIMED, poderão inscrever-se no referido Plano no período de 01.04.93 a 31.05.93, na SICREDI de sua cidade.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta com 333 médicos, 39 hospitais e 44 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

1 - Consultas em horário normal de consultório, fora-de-hora, em plantão hospitalar com todos os médicos da área de ação da UNIMED, num total de 333 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área de ação;

2 - Exames de laboratório: atendimento por 44 laboratórios;

3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anátomo-patológicos, retossigmoidoscopia, esofagogastroduodenoscopia, etc.;

4 - Fisioterapia;

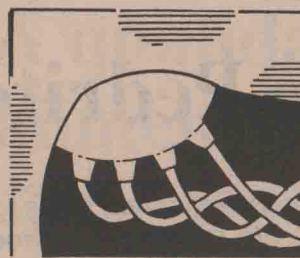
5 - Exames de Raio X;

6 - Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;

7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo mediante acoplamento com o INSS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (parto e cesareanas).

Maiores informações sobre o Plano, como participações nas consultas, complementação de honorários em acomodação hospitalar superior, carência, etc., encontram-se no Folheto UNIMED à disposição na SICREDI de seu município.

**LEMBRE-SE: SAÚDE É O MELHOR INVESTIMENTO.
DEIXE SUA SAÚDE AOS CUIDADOS DE QUEM
ENTENDE: O SEU MÉDICO DE CONFIANÇA**



COLUNA DO LEITE

Coordenação: Engenheiro agrônomo Jair da Silva Mello com a colaboração de Rosenei Jaime Agostini, da Área de Leite da Cotrijuí

FORMAÇÃO DE COTAS

Desde o dia 1º de março está em andamento o período de formação de cotas, a encerrar-se no dia 31 de julho. Este é um período decisivo para a produção leiteira, especialmente no que diz respeito a alimentação e manejo de rebanho. Animais bem alimentados e bem manejados na propriedade, sempre poderão alcançar melhores índices de produtividade. Um maior número de vacas em lactação aliado a boas pastagens de inverno e a utilização de silagem devem ser prioridades numa propriedade leiteira. O escalonamento das épocas de semeadura das forrageiras, iniciando já no final de março/início de abril, se estendendo até o mês de julho, irá proporcionar uma melhor distribuição de forragem ao longo do outono/inverno. Para isso, recomendamos utilizar consorciações de gramíneas - aveia, centeio, avevém - com leguminosas - trevos e ervilhaca - para fornecer não apenas quantidade, mas principalmente qualidade de forragem ao longo do período. Neste inverno, um maior número de produtores estará utilizando silagem de milho já dentro de uma programação realizada, através do repasse de ensiladeiras a vários grupos constituídos no decorrer do ano passado.

FUNDO DE FOMENTO À PECUÁRIA DE LEITE

O Fundo de Fomento à Pecuária de Leite, constituído em novembro de 1992, já repassou, em todas as Unidades da Cotrijuí, 11 ensiladeiras de milho, além de parte do valor de uma enfardadeira. Todas elas foram repassadas a grupos de produtores de leite de Ijuí, Ajuricaba, Augusto Pestana, Chiapetta, Jóia, Tenente Portela e Santo Augusto, com o objetivo de aumentar cada vez mais o número de produtores que fazem uso da forragem conservada como alimento para suas vacas. Com o retorno do pagamento dos produtores beneficiados, outros grupos poderão se constituir para financiar a aquisição de ensiladeiras ou enfardadeiras, sempre procurando ressaltar a característica de coletividade no uso do maquinário e equipamento. Além dos equipamentos, também foram financiadas vacas de leite.

COMPORTAMENTO DA PRODUÇÃO DE LEITE EM FEVEREIRO/93

A produção de leite na região de atuação da Cotrijuí, no mês de fevereiro de 1993, atingiu 3.872.511 litros, com 4.659 produtores envolvidos na atividade, conforme mostra a tabela abaixo.

Unidade	Produção	% sobre produção total	Nº produtores	Média produtores dia
Ijuí	1.081.393	27,92	1.270	30,4
Santo Augusto	448.842	11,59	423	37,9
Tenente Portela	458.911	11,85	866	18,9
Jóia	223.591	5,77	267	29,9
Coronel Bicaco	113.151	2,92	156	25,9
Chiapetta	125.143	3,23	151	29,6
Ajuricaba	696.000	17,97	735	33,8
Augusto Pestana	725.480	18,75	791	32,7
Total	3.872.511	100,00	4.659	29,7

PREÇOS DO LEITE

Desde o dia 1º de abril, o leite está com novo preço. O reajuste aplicado foi de 32,58 por cento.

Leite cota consumo Cr\$ 5.900,00 o litro
 Leite cota indústria Cr\$ 5.900,00 o litro
 Bonificação s/leite cota consumo Cr\$ 300,00

No próximo dia 15 de abril, o preço deverá sofrer um novo reajuste para amenizar os efeitos da inflação.

REPRESENTANTES

Visita a Dom Pedrito

Os coordenadores dos representantes realizaram sua segunda reunião do ano em Dom Pedrito, onde puderam conhecer a planta frigorífica e o setor agrícola da Unidade

A segunda reunião do ano dos coordenadores do Conselho de Representantes da Cotrijuí aconteceu no dia 11 de março, na unidade de Dom Pedrito. Liderados por Jovani Della Flora, coordenador do Conselho e pelo assessor de Comunicação da Cotrijuí, Valmir Beck da Rosa, os representantes foram recebidos pelo superintendente Abu Souto Bicca, pelo gerente Sidney Forgiarini e pelo coordenador dos representantes na Unidade, José Antônio Peterle.

O programa do dia iniciou com uma visita a planta industrial do frigorífico, onde acompanhados pela responsável pela área de produção industrial, Vivian Pötter, assistiram ao abate de animais. Também participou da visita, fornecendo informações sobre número de animais abatidos e o mercado da carne, o assessor de comercialização do frigorífico José João da Silva. Na visita ao setor agrícola - moegas, armazéns e engenho de arroz - e ao escritório da Unidade, os representantes foram acompanhados também pelo assessor comercial/Área de Insumos, Odir Sphor e pelo responsável pela Área de Operações Agrícolas, Neri Smiderle. À tarde, os representantes se deslocaram até a localidade de Caveiras, para visitar a lavoura de arroz de José Antônio Peterle, na Fazenda Santa Zilda.

A UNIDADE - As informações sobre a Unidade foram transmitidas aos representantes pelo gerente Sidney Forgiarini. Incorporada ao então Grupo Cotrijuí em 1977, quando ainda se vivia o auge da expansão horizontal, a hoje unidade de Dom Pedrito possui um quadro social formado por cer-

ca de 1600 agricultores e pecuaristas. Constituída por três grandes grupos de produtos - carne, lã e grãos/insumos - o município tem o arroz como o carro-chefe de sua economia. Só a unidade da Cotrijuí recebeu na safra 1992, cerca de 1.127.3200 sacos do produto. A área cultivada neste ano, com quase metade já colhida, mal passa dos 34 mil hectares e o recebimento projetado pela gerência da Unidade deve ultrapassar a 1.100.000 sacos de soja. Os preços, quase sempre abaixo dos custos de produção e as importações, têm sido os grandes inimigos dos arrozeiros gaúchos.

As dificuldades de colocar o produto no mercado gaúcho - "o arroz é um produto basicamente de mercado interno", explicou Sidney Forgiarini - levaram a Unidade a estudar novas alternativas de colocação da produção beneficiada. Belo Horizonte e a Zona da Mata, capital e interior de Minas Gerais absorvem, sozinhas, 50 por cento do arroz beneficiado pelo engenho da Cotrijuí. O restante da produção é distribuído entre Espírito Santo e São Paulo.

Em termos de grãos, a soja ocupa o segundo lugar em importância econômica no município, mas sua lavoura perde longe para o arroz, uma cultura que, em função das características do solo e de relevo, tem tradição no município. Em 1992, a Unidade recebeu 83.562 sacos de soja e 34.284 sacos de aveia. O engenho de arroz, com capacidade para produzir 140 sacos/hora, beneficiou em 1992, 796.083 fardos - a média mensal de beneficiamento é de 66.340 fardos.



Os coordenadores dos representantes
Visita a planta do frigorífico e ao setor agrícola



Na lavoura de
José Antônio
Peterle, os
representantes
avaliaram as
potencialidades do
arroz

CARNE - Segunda fonte econômica do município de Dom Pedrito, a carne gerada pelos animais abatidos na planta do frigorífico da Cotrijuí tem mercado garantido em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. A região absorve apenas 50 toneladas/mês da produção. Em 1992 o frigorífico abateu 12.584 bovinos, representando 2.833.492 quilos de carne e 644 ovinos, igual 6.587 quilos de carne. Em janeiro deste ano já haviam sido abatidos 926 animais, em fevereiro 912 e em março, até o dia 11, 699 cabeças.

José Antônio Peterle falou sobre as três Comissões existentes na Unidade - de carne, lã e grãos/insumos -, formadas justamente para, em conjunto com a direção da cooperativa e gerência discutir os problemas de cada um destes setores, "pois precisamos buscar a eficiência". Deixou claro que as comissões não têm a pretensão de administrar a cooperativa, mas apenas ajudá-la a encontrar saídas para a sua viabilização econômica e também do produtor associado.

PISCICULTURA

Agregando receitas

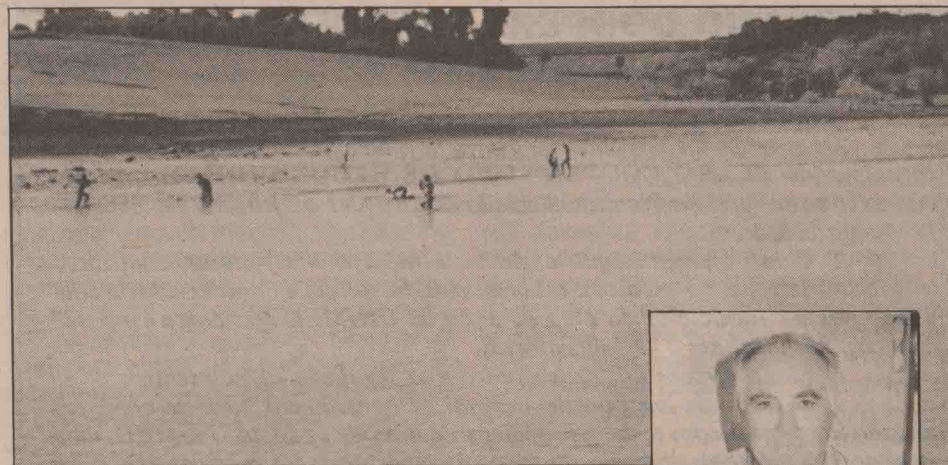
A soja e o trigo ponteiaram as atividades agrícolas na propriedade do seu Vitalino Cadore, localizada em Rincão dos Pires, interior do novo município de Inhacorá. Mas o trigo e a soja, sozinhos, não fazem a receita total da propriedade. A estas duas culturas, num sistema de perfeita integração e de diversificação de atividades, seu Vitalino acrescenta à pecuária de corte, o leite e a suinocultura. No verão, por exemplo, à lavoura de soja, junta o milho, "uma alternativa para rotacionar com a soja". O trigo, que planta muito mais por teimosia, ocupa um terço da área total durante o inverno, deixando o resto da área para as pastagens.

A soja e o milho ocupam cerca de 1.000 hectares de planta. O milho da safrinha, cultivado em pouco mais de 25 hectares, está prometendo uma colheita melhor que a da lavoura do cedo, que não passou dos 40 sacos por hectare. "É uma produtividade muito baixa, lamenta seu Vitalino ressaltando, no entanto, a função de cultura alternativa para rotacionar com a soja. Mas reconhece que a prática fica um pouco prejudicada pela disparidade, em termos de área, entre as duas lavou-

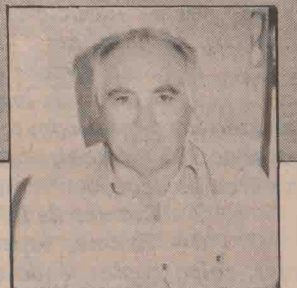
ras. Uma só mancha amarela na lavoura de soja já é motivo para ele colocar milho naquela área no próximo ano, repetindo-o por dois anos consecutivos. Não faz plantio direto, mas conta que já teve uma experiência que não gostou. A terra inchou demais, "embora traga benefícios", diz pretendendo "no futuro", fazer uma nova investida no sistema.

PISCICULTURA - Ao lado das lavouras, da pecuária de corte e do leite, uma atividade desenvolvida em outra propriedade e ainda tendo muito o que avançar, seu Vitalino está agregando uma nova atividade: a piscicultura. Na verdade, a piscicultura não tem nada de novo na propriedade dos Cadore. Só que ela está deixando de ser um esporte, para assumir um caráter econômico. Essa nova dimensão dada à atividade, os Cadore iniciaram há dois anos, quando reformaram o velho açude, construíram uma taipa nova e colocaram 12 mil alevinos de carpas dentro.

A primeira despesca, depois da reforma, aconteceu em início de março. Dos quase sete hectares de açude, seu Vitalino tirou 5.800 quilos de peixe, perdeu mais uns 500 quilos de peixes que



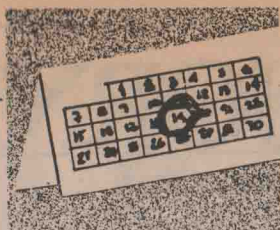
A despesca no açude de Vitalino Cadore (foto ao lado)
Produção de 5.800 quilos de peixes



morreram no meio da lama e distribuiu mais uns 1.000 quilos entre os ajudantes. Apesar da trabalhadeira e da falta de experiência com a lida, seu Vitalino ficou satisfeito com os resultados alcançados. "Nunca pensei que ainda tivesse tanto peixe no açude", comemora entusiasmado e já planejando povoar o açude com mais 12 mil alevinos. A idéia é usar poucas espécies de carpa capim, "em função da alimentação, à base de pasto, que fica difícil pela localização do açude.

"É preciso considerar, na avaliação dos rendimentos obtidos no açude

dos Cadore, que a enchente do ano passado levou muito peixe embora", explica o técnico agrícola Everson Beschorner, do departamento técnico da Unidade da Cotrijuí em Chiapetta. Everson orientou a condução do açude e acompanhou os trabalhos de despesca. Coloca também, como fator limitante ao baixo rendimento o tipo de tratamento dispensado a atividade, "com caráter extensivo". Os peixes recebiam alimentação a cada duas semanas, em média, e o trato era à base de resíduos de aveia, milho e trigo, "com algum volume de forrageira verde.



Feira avalia desempenho da avicultura e suinocultura brasileira

Pelo quinto ano consecutivo, São Paulo sediará, entre os dias 19 e 21 de maio, a Feira Latino-Americana da Indústria Avícola, Suíncola e Processamento de Carnes. O evento que acontece no Centro de Exposições Mart Center, reúne empresas nacionais e internacionais atuantes num mercado que em 1992 movimentou 9 bilhões de dólares apenas no Brasil.

Segundo dados estatísticos da União Brasileira de Avicultura, foram produzidos em 1992 cerca de 2,9 milhões de toneladas de carne de frangos, dos quais 365 toneladas foram exportadas e mais 1,2 bilhão de dúzia de ovos. A produção de carne suína ficou ao redor de 1,2 milhão de toneladas, sendo que destes, 42 mil toneladas foram exportadas. O Brasil é hoje o segundo maior produtor mundial de frangos e o terceiro maior exportador. Em relação a suinocultura, detém o sexto maior plantel do mundo, com mais de 32 milhões de cabeças.

Em relação a produção de frangos de 1991, cerca de 2,6 milhões de toneladas, o aumento registrado no

ano passado foi de 11,5 por cento. Quanto a produção de ovos, a elevação da oferta foi de 4 por cento. Já a produção da carne suína cresceu 4,3 por cento de um ano para outro. Dados ainda da própria União Brasileira de Avicultura mostram que atualmente o brasileiro já consome, anualmente, quase 17 quilos de carne de frango, 93 ovos e quase 8 quilos de carne suína. Esse desempenho, tanto da avicultura como da suinocultura mostram o potencial que estas duas atividades têm no país, justificando plenamente, segundo os organizadores, a realização de mais uma edição da Feira que, apenas no ano passado, reuniu cerca de 100 empresas brasileiras, latino-americanas, norte-americanas e européias. Presentes ao evento segmentos como genética animal, nutrição, sanidade, equipamentos, serviços, assessoria técnica, transportes rurais, insumos, entre outros. Interessados em obter maiores informações sobre a Feira poderão entrar em contato com a promotora através do telefone (011) 275-4188 ou pelo fax (011) 581-3680.

NEGÓCIO\$

TERRA

* Vende-se 1 hectare de terra agricultável localizada na Linha 23, interior de Ajuricaba. Valor do negócio, 350 sacos de soja. Interessados poderão entrar em contato com Jovani Della Flora, na Linha 21, também Ajuricaba.

TERRA

* Vende-se 9,5 hectares de terra, agricultável, situados na Linha 25, interior de Ajuricaba. O pagamento pode ser feito em soja, num prazo de três anos. Interessados poderão procurar Moacir Bandeira, na Linha 23, Ajuricaba.

VACAS

* Vende-se quatro vacas holandesas, boas de leite. O negócio pode ser feito a troco de soja. Interessados poderão entrar em contato com Arcênio Reinke, em Barro Preto, interior de Ajuricaba.

TERRA

* Vende-se 12,5 hectares, com benfeitorias, localizados em Rincão da Laje, interior de Chiapetta. Cada hectare de terra está cotado em 300 sacos de soja. Interessados na compra da propriedade, procurar Volmar Cavalheiro.

VACAS

* Vende-se duas vacas holandesas prenhas. Valor de cada animal é de Cr\$ 4.500.000,00. Interessados na aquisição, tratar com Ernesto Prochnow, em São Judas, interior de Chiapetta.

TERRA

* Vende-se 17,9 hectares de terra localizados em Boa Esperança, Ijuí, com benfeitorias. Tratar com Lúcio Griebler, em Boa Esperança.

AUTOMOTRIZ

* Vende-se uma automotriz Ideal 875, ano 79, em bom estado. Interessados devem procurar Nilson Neo, no Barreiro, interior de Ijuí. O negócio pode ser em soja.

TOUROS/VACAS

* Vende-se um touro Jersey, 4 anos, com 490 quilos de peso. Quatro vacas, também Jersey, de segunda cria, pelagem osca. Tratar na rua do Comércio, 62, Ijuí, telefones (055) 332-1490, com Alan Amorim. Recebe-se soja no negócio.

VACAS

* Vende-se duas vacas holandesas e uma vaca Jersey. Pagamento de 120 sacos de soja, nesta safra. Tratar com Gelson Treter, na Linha 7 Oeste, Ijuí.

TERRA

* Vende-se 490 hectares de terra localizados em Boa Vista do Cadeado, no município de Cruz Alta. Base de preço, 250 sacos de soja por hectare com pagamento em três safras. Interessados poderão procurar o lindeiro na Fazenda Bom Retiro, ou ainda com Darci Silveira, pelo telefone (055) 332-2543.

VACA

* Vende-se uma vaca de leite com seis meses de cria - holandesa com Jersey. O preço é de Cr\$ 4 milhões. Tratar com Olinto Didoné, em Povoado Santana, interior de Ijuí.

VACAS

* Vende-se três vacas holandesas. Interessados tratar com Rudy Bönnemann, na Linha 8 Oeste, interior de Ijuí.

A qualidade dos alimentos em debate

O Sindicato dos Médicos Veterinários do Estado do Rio Grande do Sul está promovendo, de 13 a 16 de abril, em Porto Alegre, dois eventos: o Fórum Internacional de Qualidade de Alimentos e uma exposição-feira sobre o assunto. Tanto o Fórum como a exposição-feira acontecem no Centro de Eventos São José do Plaza São Rafael.

A questão da qualidade dos produtos alimentícios envolve não apenas

a competitividade no mercado internacional, mas especialmente nos países do Mercosul. Para discutir o assunto, já confirmaram presença os professores Jacint Arnau i Arboix, do Instituto de Tecnologia da Espanha, Ahmed El Dash, da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp, Roberto Bobenrieth, da Organização Panamericana de Saúde, Gustavo Aishemberg, do Comitê de Qualidade do Uruguai e ainda de representantes da Comunidade Econômica Européia.

EVENTOS DO MÊS DE ABRIL

CURSOS

* **Alternativas de Culturas para Alimentação Animal - Suínos** - a ser realizada na Afucotri de Augusto Pestana, no dia 16, às 14:00 horas. O Curso, destinado a associados e suinocultores, terá a coordenação de Jorge Schiffer, do departamento técnico da Cotrijuí na Unidade Luís Amarante, da Emater.

* **Cooperativismo e Diversificação Agropecuária** - a ser realizado no Centro de Treinamento da Cotrijuí, no período de 19 a 23. Destinado a alunos de 8ª série, o curso terá a coordenação de Noemi Huth e Cesar Sartori.

* **Cereais e Alternativas de Inverno** - curso a ser desenvolvido no Centro de Treinamento da Cotrijuí, nos dias 20 e 21, com início marcado para às 8:00 horas. A coordenação é de Luiz Volney M. Viau, Roberto Carbonera e Francisco Tenório Falcão Pereira. Público destinado, técnicos e agrônomos.

* **Cereais e Alternativas de Inverno** - programado para o dia 26, a partir das 9:00 horas, na Afucotri de Tenente Portela. A coordenação é de Luiz Volney M. Viau, Roberto Carbonera e Francisco Tenório Falcão Pereira.

* **Cereais e Alternativas de Inverno** - a ser realizado no dia 27, às 9:00 horas, na Afucotri de Ijuí. A coordenação é de Luiz Volney M. Viau, Roberto Carbonera e Francisco Tenório Falcão Pereira.

* **Cereais e Alternativas de Inverno** - programado para o dia 27, às 9:00 horas, na Afucotri de Santo Augusto. Direcionado para agricultores interessados, o curso conta com a coordenação de Luiz Volney M. Viau, Roberto Carbonera e Francisco Tenório Falcão Pereira.

* **Pecuária de Leite** - Convênio CTC/CCGL. Destinado a produtores

de leite e de sistema CCGL, o curso acontece de 12 a 16, no CTC, sob a coordenação de Jair Mello.

SEMINÁRIOS

* **Manejo de Culturas de Inverno** - na Afucotri de Augusto Pestana, dia 7, a partir das 14:00 horas. A coordenação é de Alberto Rosseto.

* **Pecuária Leiteira - Melhoria Genética, Inseminação Artificial e Sanidade do Rebanho** - a realizar-se na localidade de São José, Jóia, no dia 14, a partir das 14:00 horas. Destinado a produtores de leite e lideranças locais, o Seminário conta com a coordenação de Jorge Fensterseifer, Samuel Ribeiro e do representante Valdir Sarturi.

DEMONSTRAÇÃO TÉCNICA

* **Instalações, Sanidade, Criação de Suínos laço livre - Plein Air** - Destinado a associados e comunidade local, o encontro acontece no dia 29, a partir das 9:00 horas, na propriedade de Euclides Rosseti, localizada em Braço Forte, Tenente Portela. A coordenação técnica é de Adriane Costa Igansi e do representante Honório Zenaro.

DEMONSTRAÇÃO DE RESULTADOS

* **Rotação de Culturas** - dia 13, 14:00 horas, em Rosário, interior de Augusto Pestana. A coordenação do encontro é de Alberto Rosseto e Ênio Borba.

* **Competição entre Variedades de Milho** - a realizar-se no dia 30, às 14:00 horas, na localidade de Esquina Gaúcha, Augusto Pestana. Destinado a associados, o encontro será coordenado por Alberto Rosseto.



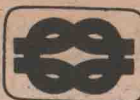
COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES
PESSOAS RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-6400 - ramal 364

Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar

Fone: 051-2280023



CCGL

Mais perto do produtor

"Quem não estiver organizado vai ficar de fora do processo". Essa observação, muito mais em tom de alerta do que de presságio, vem sendo insistentemente proclamada desde o final da década de 80. No encontro da Comissão Regional dos Produtores de Leite da Cotrijuí com a direção da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, ele voltou a ser repetida, só que desta vez pelo presidente da Central, Frederico Dürr e o diretor técnico da CCGL, Ernesto Krug, estiveram em Ijuí, no dia 16 de março, conversando com produtores de leite da região sobre várias questões ligadas ao setor.

"Nós estamos aqui para conhecer mais a fundo as limitações e dificuldades da Central e aumentar as parcerias", disse o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, também conselheiro da CCGL, ao abrir o encontro em nome dos produtores. Destacou o esforço que vem sendo feito no sentido de reorganizar o processo produtivo e colocou a cooperativa como um meio de realização do produtor. Apresentou o leite como uma atividade que vem crescendo na região e que, pelas suas características, exige mão-de-obra familiar. Só que esse crescimento é consequência da própria profissionalização da mão-de-obra familiar, "o que, de certa forma exige novos investimentos que nem sempre podem ser feitos. O produtor vive um momento de grande complexidade frente a um processo inflacionário de um por cento ao dia", disse Ilgenfritz ilustrando a situação.

AS REIVINDICAÇÕES - Coube ao coordenador da Comissão Regional dos Produtores de Leite, Gentil Minuzzi, expor à direção da CCGL a pauta de assuntos previamente elaborada para ser debatida no encontro. Começou colocando a necessidade de encurtamento no prazo de pagamento do leite de dia 20 para o dia 5 de cada mês, "ou então, caso seja impraticável essa mudança de data, que o preço seja atualizado", reforçou Minuzzi. Solicitou uma margem mínima de 20 por cento do leite extra-cota sobre a média de produção obtida na entressafra e que o preço pago pelo extra-cota não seja inferior a 80 por cento do pago pelo leite cota. Outra sugestão é que as indústrias de laticínios do Estado deflagrem uma campanha publicitária pró-consumo de leite e seus derivados. A agilização nos procedimentos para iniciar o pagamento do leite por qualidade, a necessidade de investimentos regulares na assistência técnica e definição dos critérios para recebimentos do leite a granel fecharam a pauta de assuntos levados ao encontro para serem debatidos com a direção da CCGL.

PREOCUPAÇÃO - Frederico Dürr disse entender a situação dos produtores de leite da região e suas aflições, mas antes de entrar na discussão da pauta levantada, traçou um perfil da realidade econômica do país, emaranhada num processo recessivo que atinge produtores e consumidores. Dentro desta realidade, disse que a situação do leite tende a se agravar já que vem

Duas partes de um segmento importante da economia regional se encontram para discutir problemas ligados ao leite: CCGL e produtores. No encontro, o consenso de que é preciso conversar mais

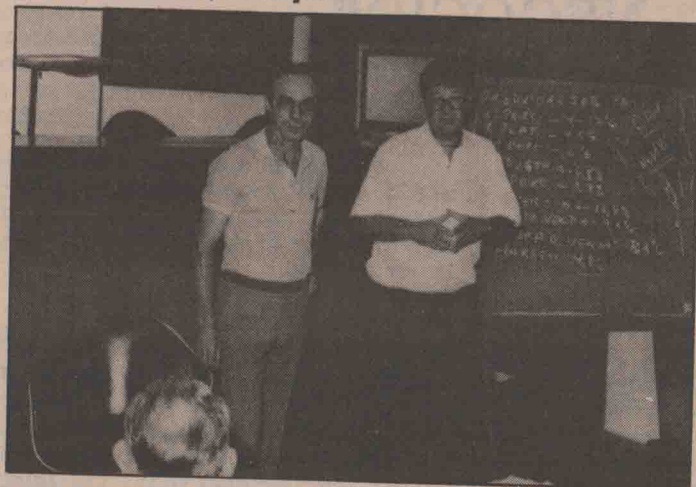


O encontro com a Comissão Regional dos Produtores de Leite. Muitas reivindicações, mas o que contou foi a aproximação

crescendo em termos de produção, mas não vem encontrando ressonância no mercado. "O que vamos fazer com a produção de 2 milhões de litros de leite que teremos em 1995?", perguntou, juntando à questão o problema da competitividade, como é o caso da Argentina, um dos parceiros do Brasil no Mercosul. A Argentina produz em média, 18 litros de leite/vaca/dia, enquanto a média brasileira não passa de 14 litros por vaca. Afirma essa situação de produção, os produtores argentinos recebem apenas 0,15 cents de dólar pelo litro de leite, enquanto que os brasileiros 0,22 cents. "Mas os produtores argentinos conseguem sobreviver porque trabalham com escalas de produção", ressaltou Dürr.

"É dentro deste quadro que se insere o leite", disse ainda o presidente da CCGL, reforçando a sua preocupação com o aumento da produção de leite. Disse que se a produção aumentar 20 por cento, apenas dentro do sistema, será necessário a construção de uma nova indústria de leite do porte da planta de Ijuí para absorver toda a matéria-prima. Investimentos de tal porte exigiriam da Central capital de giro de no mínimo cinco vezes o valor da matéria-prima que recebe e, no entanto, ela vem pagando Cr\$ 200 bilhões por mês, para um capital de giro de Cr\$ 600 bilhões. Mesmo assim, a CCGL vem investindo na automatização de suas fábricas, na redução de custos e na aceleração da produção. "São estes investimentos que nos permitem competir no mercado", esclareceu Dürr apostando numa mudança deste quadro para os próximos meses.

NÚMEROS - Da produção total recebida pela CCGL, 42 por cento é comercializada sob a forma de leite fluído e o restante - 58 por cento - é in-



Ernesto Krug e Frederico Dürr, da CCGL

Um perfil da situação do leite frente a um mercado recessivo

dustrializado. 28 por cento do leite fluído é pasteurizado - ensacado -, e destes, 61 por cento é comercializado pelo preço à vista e 39 por cento a prazo. O leite industrializado é transformado em queijos, com prazos de pagamento entre a produção e o retorno do dinheiro que chegam até 85 dias, em leite em pó e rações. A Central ainda comercializa 300 toneladas por mês para a Amazônia, com prazo de pagamento de 60 dias.

"A questão dos prazos de pagamento é muito complexa", disse Ernesto Krug querendo mostrar aos produtores as dificuldades de se encurtar o prazo de pagamento ou atualizar os preços como estava sendo reivindicado. Como forma de atender essa situação - do prazo espichado de pagamento aos produtores - a CCGL passou a reajustar o preço do leite no dia 15 de cada mês, independente do reajuste praticado a cada dia 1º do mês. "O reajuste no meio do mês equivale a seis dias de antecipação no pagamento", observou o diretor técnico.

O vice-coordenador da Comissão,

o produtor Arno Beck quis saber das razões pela qual a CCGL, depois de três anos, ter voltado a aplicar o leite cota. "Por que esta descontinuidade?", insistiu. "Porque a situação de consumo na época nos permitia", respondeu Krug. Para Dürr, a decisão de aplicação da cota é um prêmio aos que se profissionalizaram. Seu Arno voltou a insistir na questão do extra-cota, reforçando o pedido da Comissão para que a CCGL não exceda a 20 por cento e a remuneração da cota não seja inferior a 80 por cento do preço normal.

QUALIDADE - A grande interessada em melhorar a qualidade do leite e em remunerar melhor o produtor é a própria indústria, deixaram claro os diretores da Central. "Um leite de melhor qualidade facilita a industrialização", ressaltou Krug colocando, no entanto, o problema do leite ácido produzido pelo próprio animal como uma preocupação que não pode ser ignorada. Mas acredita que se hoje a CCGL decidisse remunerar o leite pela qualidade, nem 5 por cento dos produtores seriam atingidos.

Os diretores da CCGL reconheceram a importância da assistência técnica, especialmente no caso do leite e asseguraram aos produtores que a Cen-

tral está em entendimentos com a Cotrijuí para aumentar a remuneração da plataforma de Ijuí, atualmente em 4,5 por cento. "Sem assistência técnica, o produtor não chegará a lugar algum", disse Krug, informando ainda sobre uma campanha institucional do leite que está sendo programada e sobre o lançamento de novos produtos. Um deles, o Piui, é um Longa Vida achocolatado, e o outro, Milkifina, também é um leite Longa Vida, mas com vitaminas A e D.

Do encontro não saíram as soluções esperadas pelos produtores para os problemas levantados. Mas ele serviu para aproximar as duas pontas de um mesmo segmento: os produtores e a indústria. "Crescemos em aproximação Central-produtores", disse Ruben Ilgenfritz da Silva, chamando a atenção para a necessidade de que encontros desta natureza ocorram com maior periodicidade. "Temos que definir que é produtor de leite para poder remunerá-lo melhor", adiantou, reconhecendo ser esta uma decisão política muito importante.

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL - ELABORADO NA ESCOLA DE 1º E 2º GRAUS
FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE/UNIJUÍ

Elaboração:
Rosane Nunes Becker
Montagem:
Z Comunicação

A gleba me transfigura (fragmento)



Sinto que sou a abelha no seu artesanato.
Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais.
Eu ulvo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas.
(...)
Minha identificação profunda e amorosa
com a terra e com os que nela trabalham.

A gleba me transfigura. Dentro da gleba,
ouvindo o mugido da vacada, o mééé dos bezerros,
o roncar e focinhar dos porcos, o cantar dos galos,
o cacarejar das poedeiras, o latir dos cães.
eu me identifico.
Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,
sou graveto, sou mato, sou paiol
e sou a velha tulha de barro.

Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras
e coaxam as rãs, mugem todas as boiadas que vão pelas estradas.

Sou a espiga e o grão que retornam à terra.
Minha pena (esferográfica) é a enxada que vai cavando,
é o arado milenário que sulca.
Meus versos têm relances de enxada, gume de foice e peso de machado.

Cheiro de currais e gosto de terra.
(...)

Amo a terra de um velho amor consagrado
através de gerações de avós rústicos, encartados
nas minas e na terra latifundiária, sesmeiros.
A gleba está dentro de mim. Eu sou a terra.
(...)

Em mim a planta renasce e floresce, sementeia e sobrevive.
Sou a espiga e o grão fecundo que retornam à terra.
Minha pena é a enxada do plantador, é o arado que vai sulcando,
para a colheita das gerações.
Eu sou o velho paiol e a velha tulha roceira.
Eu sou a terra milenária, eu venho de milênios.
Eu sou a mulher mais antiga do mundo, plantada e fecundada
no ventre escuro da terra

(Cora Coralina)

Cantigas de Roda

É uma fila de meninas, de mão
dadas, com seu lobo à frente.
As meninas cantam, andando
para frente e para trás.
"Vamos passear no bosque,
enquanto seu lobo vem.

ble

Perguntam:

- Está pronto, seu lobo?

O lobo responde:

- Estou tomando banho.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou me enxugando.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou vestindo a cueca.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou vestindo a calça.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou vestindo a camisa.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou calçando as meias.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou calçando os sapatos.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou botando a gravata.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou botando o paletó.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou penteando o cabelo.

As meninas:

Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Estou botando o chapéu.

As meninas:

- Vamos passear no bosque, etc.

O lobo:

- Vou buscar a bengala.

O que é evolução

Evoluir é mudar

Compare o mundo de hoje com o de cem anos atrás. Você ficará impressionado com as mudanças que ocorreram. Neste último século que passou houve, de fato, muita transformação.

Pense como o nosso mundo atual é diferente daquele em que vieram nossos bisavós. Hoje em dia há remédios e cura para a maioria das doenças. A agricultura desenvolveu-se bastante e assim, a humanidade é capaz de produzir muito mais alimentos que antigamente. Existem hoje satélites que nos permitem receber notícias de qualquer parte do mundo, sem falar nos computadores e inúmeros progressos técnicos e científicos.

Você, como estudante, sabe que os conhecimentos da humanidade estão sempre aumentando. A cada dia que passa adquirimos novos conhecimentos, e é por isso que há tantas matérias para estudar e aprender.

O saber da humanidade, isto é, a cultura, está evoluindo com muita rapidez nestes últimos anos. Evoluir é mudar ao longo tempo. Aquilo que evolui, como a cultura da humanidade, por exemplo, geralmente vai passando de estados mais simples para outros mais complexos.

Há apenas 30 mil anos, os homens ainda viviam nas cavernas. Eles já eram, então, fisicamente parecidos com os homens de hoje. Sua cultura, porém, ainda era simples e rudimentar: estavam apenas começando a descobrir e compreender a natureza.

Os homens das cavernas não conheciam a agricultura nem a medicina, fabricavam uns poucos objetos e viviam da caça e da coleta de alimentos. Comparando o seu saber com o dos homens de hoje, ficamos realmente impressionados como a cultura da humanidade vem evoluindo desde essa época até nossos dias.

O início da cultura

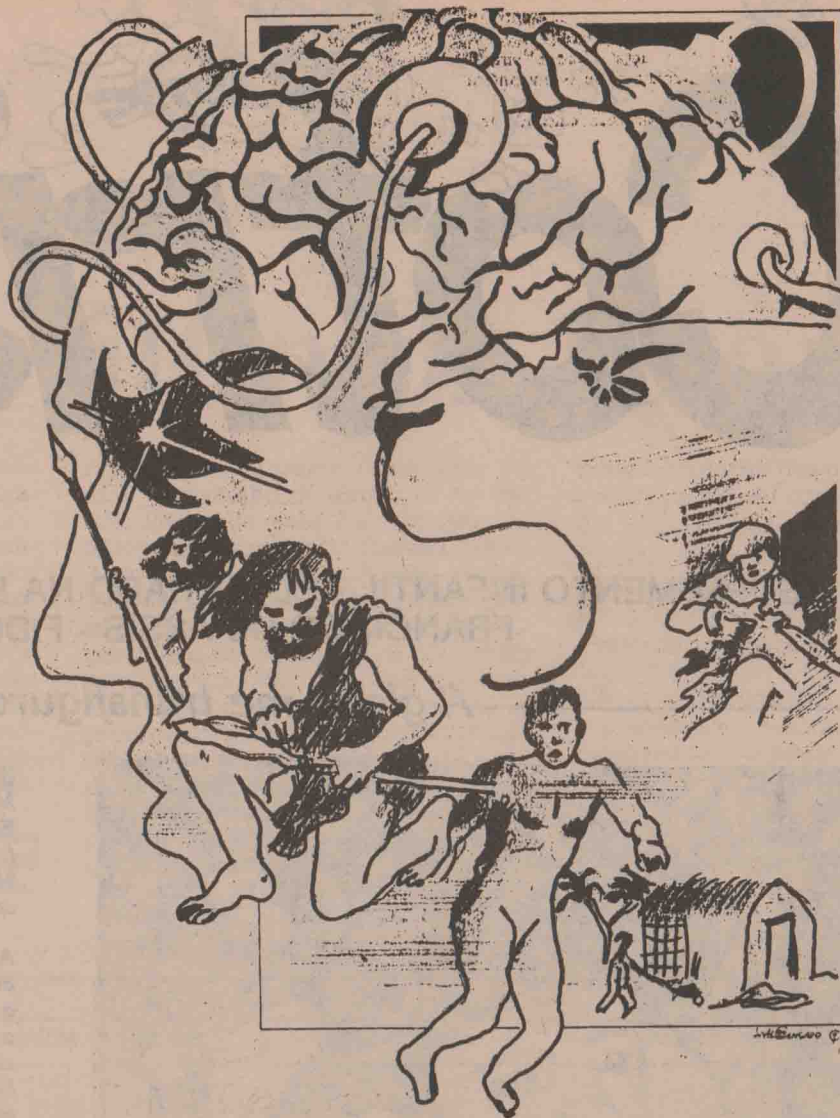
A cultura teve seu início nas mais primitivas tribos humanas. Suponha, por exemplo, que um homem descobriu que uma lasca de pedra era muito boa para cortar. Isso ficou fazendo parte de seu conhecimento pessoal. Mas, ao mostrar, isto é, ao comunicar a outras pessoas a sua descoberta, ela passava a fazer parte da cultura da tribo. Os homens primitivos logo descobriram como era importante a comunicação, que permitia aprender e ensinar.

No princípio, os homens comunicavam-se por gestos e sons desarticulados. Aos poucos, a comunicação foi evoluindo, até que surgiu a linguagem.

Graças à linguagem, cada pessoa podia transmitir o que descobria e aprendia, e também o que sentia e pensava.

A cultura das tribos humanas ia progredindo à medida que as pessoas reuniam os conhecimentos e os ensinavam aos que nasciam.

A transmissão dos conhecimentos é a base da cultura, pois as pessoas de cada geração, além de aprenderem o que sabem os mais velhos, acrescentam novos conhecimentos, modificam idéias ultrapassadas. Quando ensinaram seus filhos, as pessoas de uma nova geração já transmitirão mais conhecimentos que a geração anterior. É e assim que a cultura evolui.



Quando os homens inventaram a escrita, a cultura, então, pôde evoluir ainda mais. Os conhecimentos podiam ser registrados para que as gerações futuras os aprendessem. Foi a partir daí que o saber da humanidade realmente teve um progresso vertiginoso. Milhares e milhares de livros foram escritos, reunindo a cultura dos homens. A escrita colocou à disposição nas gerações futuras tudo quanto foi descoberto e aprendido. Além dos livros, o conhecimento de que hoje dispomos também está sendo guardado em fitas magnéticas e memórias de computadores.

Atualmente a cultura da humanidade é tão extensa que uma pessoa, mesmo que dedique a vida inteira a estudar, não

conseguirá aprender tudo. Você acha que seria possível a um só homem aprender todas as línguas, as filosofias antigas e modernas, as religiões, as artes, o folclore, as ciências e tecnologias de todos os povos da humanidade? É evidente que não. E, além do mais, isso não é necessário.

A humanidade constitui uma sociedade em que cada uma das pessoas tem seu papel e seus conhecimentos. A união da sabedoria de todos os homens é que resulta na formidável cultura da nossa espécie. E essa cultura pertence a cada um de nós. Lembre-se de que se estudar, você será capaz de aprender qualquer coisa que deseje.

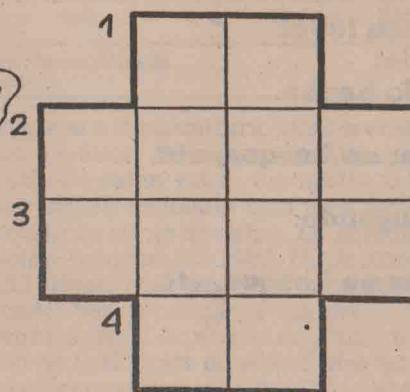
O universo da ciência
"A evolução dos seres

Plebiscito de 1993

Muitos estudos, seminários, encontros estão sendo realizados com o objetivo de esclarecer o que afinal é este plebiscito. Estamos às portas de um acontecimento histórico. No dia 21 de abril o Brasil decide como deseja ser governado. Vamos escolher a forma (Monarquia ou República) e o sistema (parlamentarismo ou

presidencialismo).

O plebiscito não trará nenhuma solução política para o nosso problema fundamental, que é o subdesenvolvimento. Seja qual for a decisão que tomarmos, ela deverá se guiar por uma análise realista da nossa situação histórica e ter em vista o projeto de sociedade que queremos construir.



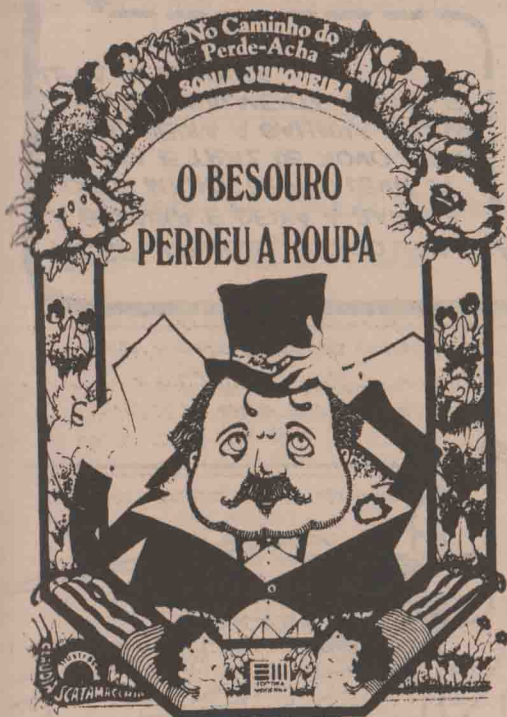
- 1-ATMOSFERA
- 2-GOSTAS MUITO
- 3- PEQUENO ROEDOR
- 4- SOLITÁRIO SOZINHO

arte de abrir espaços Literatura infantil:

É difícil, quase impossível alguém que não goste de ouvir histórias. Ao abrir um livro, um novo mundo surge. Um mundo onde tudo pode ocorrer, heróis, bandidos, fadas, animais, objetos se encontrando em situações muito malucas. É um momento mágico. Escutando histórias, cada um descobre um mundo infinito, onde os problemas apresentados encontram soluções diversas e onde encontramos uma maneira própria de descarregar cargas emocionais. Emoções importantes como o medo, a raiva, a alegria, o heroísmo, a covardia, o sucesso e tantas outras podem vir à tona quando você ouve ou lê uma história.

Experimente ler livros da Coleção Lagarto Pintado; se você é pequenino, vai adorar. Tem Lúcia já vou indo, O Veterinário Maluco, Bule de Café, Fungo, Tungo, entre outros. Para quem é muito esperto, não pode perder o Menino Maluquinho e O pequeno planeta perdido do Ziraldo, além dos livros da Ruth Rocha como o Reizinho Mandão e o rei que não sabia de nada.

E aqueles que estão aprendendo a ler a coleção. No caminho do Perde-Acha é um achado. Nunca esquecendo os clássicos - A Bela Adormecida, O Pé de Feijão...



Meu pé de coqueiro

Eu moro no lado de um rio que passa água bem limpinha.

Um dia eu fui olhar o rio que passava no lado da casa e vi um pézinho de coqueiro e eu disse para meu pai plantar ele no lado do rio.

Depois de muito tempo o pézinho de coqueiro já estava crescido. Depois de três anos o pé de coqueiro já produziu um cacho; depois de quatro dias Fábio veio lá em casa para ir pescar e nós fomos pescar e pegamos cinco jundiás, duas traíras, duas carpas e três lambaris, duas traíras, um tempo nós voltamos para casa e fritamos os peixes e comemos. Depois nós fomos comer côcos e Fábio disse que era muito bom os côcos e nós comemos bastante côcos, fomos brincar de se esconder e depois Fábio foi embora.

Escola Mun. de 1º Grau Inc. Silveira Martins
Aluno: Leandro Joel Matte
4ª série
Profª: Noeli Heisler
Arroio Bonito - Augusto Pestana



SUPLEMENTO INFANTIL

Os seres vivos

Em uma fazenda existiam muitos seres vivos que eram vacas, sapo, patinho que estavam nadando.

Eles são seres vivos porque crescem, tomam água, alimentam-se e morrem.

A vaca se alimenta com gramas e capins,

o sapo se alimenta com moscas.

O pato se alimenta com milho.

A vaca nos fornece leite, carne, couro para fazer sapato e tapete.

O sapo é ser vivo, mas nos fornece o couro para fazer cinto.

O pato nos fornece ovos, carne, penas. E nessa fazenda existiam árvores que nos dão ar, e também são seres vivos.

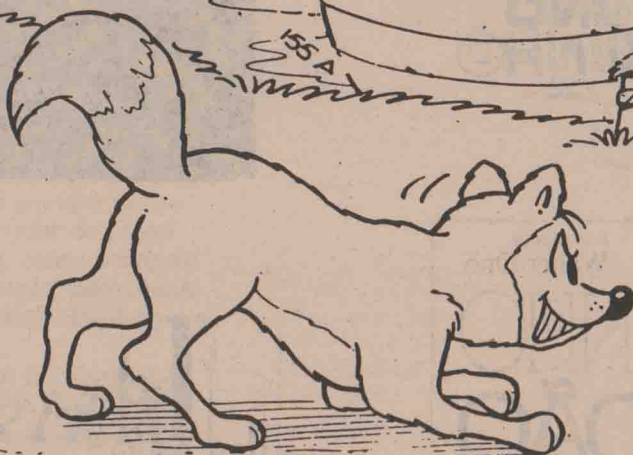
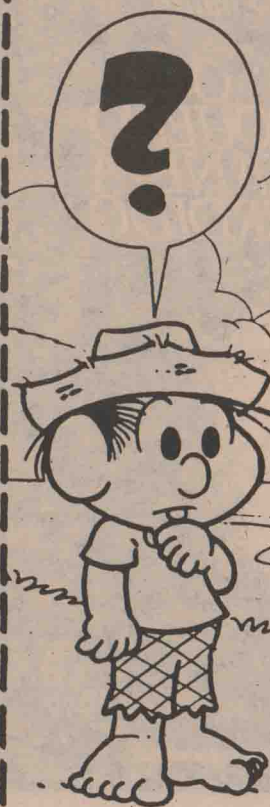
Lá havia duas moças, na beira do rio, olhando patinhos e plantas aquáticas.

Eles estavam na beira da lagoa e sempre esses bichinhos viviam ali e todas as meninas iam ver o saro, os patos, a vaca e assim é o meu texto sobre os seres vivos.

Rubiara Passinato - 9 anos
Escola Mun. de 1º G. Inc. Leonilda Zardim
Nicoletti - Jôia.

LEVA-E-TRAZ

O CHICO PRECISA LEVAR A RAPOSA, A GALINHA E O SACO DE MILHO ATÉ A ILHA, MAS O BARCO SÓ PODE LEVAR UM POR VEZ. LEVANDO O SACO DE MILHO, A RAPOSA PODERIA COMER A GALINHA. SE ELE LEVAR A RAPOSA, A GALINHA COMERIA O MILHO. ENTÃO, COMO FARA O CHICO PRA RESOLVER ESSE PROBLEMA? COMO VOCÊ FARIA?



RESP: PRIMEIRO, O CHICO LEVA A GALINHA E DEIXA A RAPOSA COM O MILHO. DEPOIS LEVA A RAPOSA E TRAZ DE NOVO A GALINHA. DEIXA A GALINHA E LEVA O MILHO. FINALMENTE VOLTA E LEVA A GALINHA.

Os Simpsons

Personagens criados por Matt Groening, os Simpsons são mal educados, brigam furiosamente, mas encantam os telespectadores. Se tornaram um sucesso nos Estados Unidos. Agora estão aqui no Brasil. Família muito estranha tem olhos e dentes enormes, cabelo punk e quatro dedos em cada mão. O pai, Homer Simpson trabalha numa usina nuclear. Tenta ser compreensivo, mas sempre explode. Nos jogos com o filho perde sempre. A mãe chama-se Marge. É muito vaidosa: tem cabelo azul encaracolado, mas é muito careta. Bart, o filho mais velho é o personagem que mais agrada ao público. Tem 10 anos, é skatista, malcriado e passa quase o tempo todo de castigo em seu quarto, pois seu esporte favorito é irritar o pai. A irmã dele é Lisa. Ela é sensível, incompreendida e adora tocar saxofone. A caçulinha Maggie é um bebê. Sempre de chupeta na boca, Maggie se comunica movimentando a chupeta e tem o olhar sempre atento. Os Simpsons é um desenho bem diferente daqueles que passam normalmente. Nele não há personagem "do bem" que lutam o tempo todo para salvar o mundo daqueles "do mal". A turma é bem parecida com a gente "normal": briga, faz maldade, se arrepende e dá risada.

